

FRATERNITAS

VOLUME 1, NÚMERO 3: JUL-2025 A OUT-2025. ISSN: 3085-7988

ESPECIAL “MAÇONARIA E CIÊNCIA”

**INTERSEÇÕES ENTRE CIÊNCIA,
FÉ, ESPIRITUALIDADE E
MAÇONARIA (Dos Santos).**

**A PURA MAÇONARIA: o
maçom a caminho da
consciência cósmica (Lufiego).**

**MAÇONARIA, ARTE E CIÊNCIA:
Uma práxis metódica de
vanguarda, ponto de encontro
para uma conversa ampla (Sfriso).**

**O ESQUADRO, O COMPASSO E
O CÉREBRO: uma análise da
ritualística maçônica à luz da
Neurociência (Cruz).**

**INTELIGÊNCIAS EM EVOLUÇÃO:
FORJANDO LÍDERES PARA A
SOCIEDADE 5.0 (Franz).**



FRATERNITAS



A revista FRATERNITAS é um periódico técnico-científico e histórico-cultural, vinculado à Confederação Maçônica Interamericana – CMI, de caráter multidisciplinar, tendo a Maçonaria como objeto de estudos e pesquisas. Seu formato é eletrônico e sua periodicidade é quadrimestral.

A FRATERNITAS publica artigos, ensaios e resenhas submetidos preferencialmente por estudiosos, pesquisadores e professores maçons, tendo como principal requisito, além da aderência ao campo, a apresentação de conteúdo desenvolvido por métodos, baseado em evidências e referências, e de qualidade analítica.

Conselho Editorial

Lito Luis Porto Porto
Rubens Ricardo Franz
Lictor Enrique Reyna

Conselho Científico

Gérard Icart
Ulises Torres Hamdal
Miguel Guzmán-Stein
Manuel Torres Palo
João Oliveira e Silva
Kennyo Mahmud Ismail

Dados catalográficos:

ISSN: 3085-7988
Volume 01, Número 03
Jul-2025 a Out-2025.

Periodicidade:

Quadrimestral, conforme descrito a seguir:

- Nov-Dez-Jan-Fev: publicado em março
- Mar-Abr-Mai-Jun: publicado em julho
- Jul-Ago-Set-Out: publicado em novembro

Portal:

cmi1947.org/fraternitas

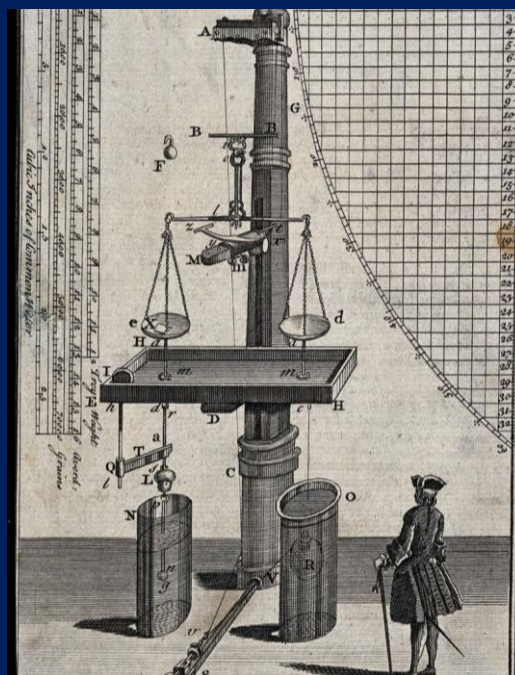
Autor institucional:

Confederação Maçônica Interamericana – CMI
Rua dos Ilhéus, 38 – Ed. Aplub, 1º andar – Centro
Florianópolis - SC, 88010-560
E-mail: sgp@cmi1947.org

Aviso:

Os artigos publicados são de responsabilidade de seus autores e não exprimem, necessariamente, o ponto de vista da revista Fraternitas. Não é necessário solicitar prévia autorização para reproduzir parte do conteúdo publicado nesta revista, desde que sejam devidamente citados o autor e a fonte.

Imagem da capa:



Gravura que ilustra uma balança hidrostática do século XVIII, utilizada para calcular a densidade relativa de líquidos e sólidos.

Fonte: Wellcome Collection 47015i.

FRATERNITAS



Sumário

INTERSEÇÕES ENTRE CIÊNCIA, FÉ, ESPIRITUALIDADE E MAÇONARIA: Uma revisão sistemática integrativa com abordagem narrativa (Dos Santos)	05
A PURA MAÇONARIA: o maçom a caminho da consciência cósmica (Lufiego)	09
MAÇONARIA, ARTE E CIÊNCIA: Uma práxis metódica de vanguarda, ponto de encontro para uma conversa ampla (Sfriso)	15
O ESQUADRO, O COMPASSO E O CÉREBRO: uma análise da ritualística maçônica à luz da Neurociência (Cruz)	25
INTELIGÊNCIAS EM EVOLUÇÃO: FORJANDO LÍDERES PARA A SOCIEDADE 5.0 (Franz)	35

Palavra do Secretário-Executivo

Irmãos e leitores,

A Maçonaria é um espaço de encontro entre o saber e a busca interior. Desde o início, grandes líderes, cientistas e nomes ilustrados das artes, reconheceram na Ordem um método simbólico que dialoga com o conhecimento. Hoje, diante da Sociedade 5.0, marcada por inteligência artificial, neurociências e biotecnologia, somos chamados a reafirmar a Maçonaria como laboratório vivo de consciência e transformação.

O esquadro e o compasso, símbolos de precisão, encontram eco nas descobertas da neurociência e nas tecnologias que ampliam a percepção humana. O ritual revela-se como uma prática capaz de modificar redes neurais e abrir portas para estados expandidos de consciência. Assim, a Maçonaria se mostra como uma práxis de vanguarda, integrando ciência, espiritualidade e ética em um mesmo movimento ascensional.

A verdadeira Maçonaria, continua sendo ponte entre o átomo e o cosmos, entre o homem e o Grande Arquiteto. Esta edição da Fraternitas oferece ferramentas para que cada Irmão atualize seu trabalho à luz do conhecimento contemporâneo, sem trair a Tradição, mas revelando sua atualidade perene. Que estas reflexões sejam mais uma pedra polida na construção coletiva da Consciência Cósmica que todos buscamos, desde que o primeiro olhar humano se perdeu no céu estrelado.

Boa leitura!

Rubens Ricardo Franz
Secretário-Executivo

INTERSEÇÕES ENTRE CIÊNCIA, FÉ, ESPIRITUALIDADE E MAÇONARIA:

Uma revisão sistemática integrativa com abordagem narrativa

Áureo dos Santos ¹

Resumo:

Este artigo apresenta uma revisão sistemática integrativa com uma abordagem narrativa, com o objetivo de identificar e interpretar os vínculos epistemológicos, simbólicos e éticos entre os conceitos de Ciência, Fé, Espiritualidade e Maçonaria. Baseado em fontes acadêmicas e simbólicas selecionadas entre 2000 e 2025, o estudo analisa contribuições teóricas que buscam a convergência entre a racionalidade científica e as dimensões espirituais da experiência humana. De particular destaque é o trabalho do neurocientista Andrew Newberg, cuja abordagem neuroteológica oferece fundamentos empíricos para a compreensão de experiências religiosas, místicas e iniciáticas. A Maçonaria, por outro lado, é apresentada como uma prática simbólica capaz de integrar essas dimensões de forma ritual e filosófica, promovendo uma pedagogia do autoconhecimento e do autoaperfeiçoamento. Os resultados mostram a importância de um diálogo transdisciplinar para a construção de uma ética integrativa, com potencial para ressignificar as fronteiras entre razão e transcendência, também no contexto maçônico. relação com os ideais iluministas e a proposta de reforma simbólica e moral apresentada por Friedrich Ludwig Schröder. A partir da fundação da Loja Emanuel zur Maienblume e da iniciação de Schröder, analisa-se o processo de construção de uma ritualística coerente com os princípios humanistas e maçônicos do século XVIII.

Palavras-chave: Ciência. Fé. Espiritualidade. Maçonaria. Neuroteologia. Epistemologia.

Abstract:

This article presents an integrative systematic review with a narrative approach, aiming to identify and interpret the epistemological, symbolic, and ethical links between the concepts of Science, Faith, Spirituality, and Freemasonry. Based on selected academic and symbolic sources from 2000 to 2025, the study analyzes theoretical contributions that seek convergence between scientific rationality and the spiritual dimensions of human experience. Of particular note is the work of neuroscientist Andrew Newberg, whose neurotheological approach offers empirical foundations for understanding religious, mystical, and initiatory experiences. Freemasonry, on the other hand, is presented as a symbolic practice capable of integrating these dimensions in a ritual and philosophical way, promoting a pedagogy of self-knowledge and self-improvement. The results show the importance of a transdisciplinary dialogue for the construction of an integrative ethic, with the potential to redefine the boundaries between reason and transcendence, also within the Masonic context.

Keywords: Science. Faith. Spirituality. Freemasonry. Neurotheology. Epistemology.

¹ Membro do Núcleo de Orientação em Epidemiologia da Universidade do Sul de Santa Catarina. E-mail: aureods@gmail.com

1. Introdução

A polarização entre ciência e fé, tão presente na modernidade, é progressivamente questionada por pensadores contemporâneos que propõem sínteses entre conhecimento racional e espiritual. No centro dessa tensão está a Maçonaria, uma organização iniciática que, embora não religiosa, evoca simbolismo transcendental e promove uma ética baseada na liberdade de pensamento, expressão, reunião, progresso moral e fraternidade universal. Esta resenha busca entender como esses quatro conceitos — Ciência, Fé, Espiritualidade e Maçonaria — se relacionam na literatura científica e filosófica contemporânea, revelando suas convergências e implicações para uma nova epistemologia do conhecimento simbólico e espiritual.

Ao longo da história, a humanidade buscou responder às grandes questões existenciais sobre a origem, o propósito e o destino da vida. Ciência e fé emergem como respostas distintas, porém complementares, a essas preocupações. A espiritualidade, por outro lado, ocupa um espaço subjetivo e experiencial que transcende dogmas, propondo um caminho de conexão interior e expansão da consciência. A Maçonaria, com seus ritos simbólicos, oferece um terreno fértil para o encontro desse conhecimento, operando como uma escola de virtudes e um laboratório filosófico para a integração entre o visível e o invisível, o racional e o místico, o empírico e o simbólico.

Compreender essas interseções é especialmente relevante em uma época em que crises éticas, ecológicas e sociais desafiam modelos tradicionais de conhecimento e espiritualidade, mesmo dentro do âmbito maçônico. O esgotamento do paradigma científico puramente materialista e a crescente demanda por práticas integrativas de cuidado e educação revelam a necessidade de diálogos transdisciplinares que unam o rigor da ciência com a sabedoria espiritual ancestral. A Maçonaria, nesse contexto, ressurgiu como um espaço simbólico, alegórico e prático para a reconfiguração de uma nova racionalidade — uma racionalidade expandida que inclui mistério, ética e transcendência como partes constitutivas do ser humano.

Sob essa perspectiva, esta revisão sistemática integrativa com uma abordagem narrativa busca esclarecer como esses campos dialogam, tensionam e, às vezes, harmonizam, com

base em uma abordagem transdisciplinar e narrativa.

2. Método

2.1 Tipo de estudo

Trata-se de uma revisão sistemática integrativa com uma abordagem narrativa. Esse modelo permite a análise de estudos teóricos, empíricos e reflexivos, com o objetivo de integrar diferentes perspectivas sobre o objeto de estudo.

2.2 Problemática

Como os conceitos de Ciência, Fé, Espiritualidade e Maçonaria são relacionados sob uma perspectiva epistemológica, ética e simbólica na literatura científica e simbólica contemporânea?

2.3 Procedimentos metodológicos

A busca foi realizada nos bancos de dados Scopus, SciELO, PubMed, Google Scholar e na literatura maçônica do Rito Escocês Antigo e Aceito. Os seguintes descritores combinados foram usados: "Ciência e Fé", "Espiritualidade e Maçonaria", "Neuroteologia", "Andrew Newberg", "Epistemologia e Espiritualidade", "Ciência e Transcendência". Artigos, livros e ensaios publicados entre 2000 e 2025, escritos em português, inglês e espanhol, foram considerados. A seleção incluiu fontes que abordaram pelo menos dois dos quatro conceitos centrais do estudo.

Obras opinativas sem base bibliográfica e textos de natureza exclusivamente devocional ou dogmática foram excluídos. A análise dos dados seguiu uma abordagem temática com ênfase narrativa, que nos permitiu compreender os significados atribuídos às relações entre os conceitos estudados, suas tensões, complementaridades e potencialidades transdisciplinares.

3. Resultados e discussão

3.1 Ciência e Fé: Uma falsa oposição?

Autores como Ian Barbour (2000) e John Polkinghorne (1998) propõem modelos de diálogo entre ciência e fé, rompendo com a ideia de antagonismo entre esses campos. Em linha com esses autores, a Maçonaria promove uma visão de mundo integradora, na qual o G·A·D·U· (Grande Arquiteto do Universo) representa uma concepção metafísica aberta ao pensamento científico. As fronteiras entre o conhecimento científico e a experiência da fé tornam-se assim permeáveis, favorecendo uma abordagem mais ampla da

realidade. A fé, nesse contexto, deixa de ser interpretada como oposição à razão e é entendida como uma confiança ampliada, uma convicção profunda em um senso maior de existência — uma confiança e convicção que também motivam a pesquisa científica.

3.2 Andrew Newberg e Neuroteologia

Andrew Newberg (2001; 2009) se destaca como um dos principais pesquisadores na tentativa de compreender cientificamente as experiências religiosas. Seus estudos de neuroimagem revelam que práticas espirituais como oração, meditação e rituais simbólicos ativam regiões cerebrais responsáveis pela empatia, concentração e percepção do "eu expandido".

Isso fornece suporte empírico para a noção de que espiritualidade e fé são dimensões naturais da experiência humana — e não apenas construções culturais. A neuroteologia, portanto, fornece uma nova base para entender a experiência maçônica como uma prática neuroespiritual. Essas descobertas também mostram que a busca espiritual, longe de ser ilusória, possui um substrato neurológico que impulsiona o desenvolvimento moral, cognitivo e emocional das pessoas.

3.3 Espiritualidade e Maçonaria: simbolismo e elevação moral

Huston (2006) aponta que a espiritualidade é concebida na literatura como uma busca por significado existencial e transcendência. Na Maçonaria, essa busca é ritualizada por meio de símbolos, graus e alegorias que representam a perfeição do ser. As descobertas de Newberg dialogam com essa prática ao mostrar que a ativação simbólica do cérebro pode favorecer estados de plenitude, integração e expansão da consciência — objetivos centrais do caminho iniciático. Nesse sentido, a jornada maçônica atua como catalisadora para processos internos de iluminação e autoaperfeiçoamento, reforçando a espiritualidade como força orientadora para a ação ética e fraterna no mundo profano.

3.4 Ciência e espiritualidade: surgimento de um paradigma integrador

Autores como Rupert Sheldrake (2012) e Amit Goswami (2004) propõem que a consciência deve ocupar um lugar central na pesquisa científica. A Maçonaria, ao estimular a introspecção e o autocontrole, já antecipava simbolicamente essa

nova epistemologia. Assim, o rito torna-se uma linguagem para uma ciência do espírito, cujos fundamentos estão tanto na tradição quanto na observação fenomenológica. O surgimento de uma ciência não reducionista, que reconhece a importância da subjetividade, intuição e transcendência, contribui para uma reavaliação da Maçonaria como espaço para a formação integral do ser.

3.5 Fé e Maçonaria: entre liberdade e crença

Embora exija crença em um princípio superior, a Maçonaria evita dogmas. Essa liberdade de crença — associada à ética e espiritualidade — é ecoada nas conclusões de Newberg, que mostra como a fé, quando desligada do fanatismo, pode ser um motor para empatia e altruísmo, reforçando a prática da fraternidade universal. Nesse sentido, a fé maçônica se distingue por sua natureza filosófica e simbólica, baseada na experiência pessoal e na construção do significado, e não na adesão a verdades absolutas. Essa perspectiva fortalece o papel da Maçonaria como mediadora entre o racionalismo científico e a dimensão espiritual da existência.

3.6 Ciência, Fé e Espiritualidade na Prática Maçônica

Na prática maçônica, ciência, fé e espiritualidade não são compartimentos isolados, mas dimensões integradas expressas por meio de símbolos, alegorias, rituais e a busca contínua pelo aprimoramento moral e intelectual. A ciência se manifesta no rigor com que o conhecimento simbólico é estudado e aplicado; a fé é expressa na confiança no processo iniciático e na crença em um princípio ordenador do universo; e a espiritualidade é vivida na jornada interior do iniciado, em sua busca por sabedoria, justiça e verdade.

Os trabalhos em loja maçônica, quando bem conduzidos, promovem estados de profunda introspecção que refletem muitos dos processos descritos pela neurociência espiritual de Andrew Newberg, como diminuir o ego, aumentar a empatia, buscar significado e sentir-se conectado a um propósito superior. Assim, a prática maçônica opera como um campo experiencial de experiência espiritual, tanto racional quanto simbólica, capaz de harmonizar os poderes do intelecto, intuição e sentimento.

Por meio dessa integração, a Maçonaria resgata o ideal do conhecimento total — aquilo que

une ciência e consciência, lógica e transcendência — permitindo que o ser humano se reconheça como uma ponte viva entre céu e terra, entre espírito e matéria, entre o visível e o invisível.

4. Conclusão

A revisão sistemática integradora com uma abordagem narrativa demonstrou que ciência, fé, espiritualidade e maçonaria não são domínios isolados, mas interconectados, com pontos de encontro baseados em princípios éticos, simbólicos e epistemológicos. A contribuição de Andrew Newberg fortalece essa integração e interação ao evidenciar, por meio da neurociência, que práticas espirituais — como as encontradas na Maçonaria — têm efeitos concretos na estrutura e funcionamento do cérebro.

Pelas contribuições da neuroteologia de Andrew Newberg e pelos modelos integrativos de autores como Ian Barbour, Rupert Sheldrake e Amit Goswami, é evidente que a espiritualidade não é antagônica ao conhecimento científico, mas complementar. O reconhecimento da espiritualidade como uma dimensão estruturadora da consciência humana desafia o paradigma fragmentado da modernidade e propõe uma nova racionalidade inclusiva.

A Maçonaria surge como um espaço de reconciliação entre razão e transcendência, fé e liberdade, tradição e modernidade. Este estudo

aponta para a necessidade de pesquisas interdisciplinares que reconheçam o papel do simbólico e do espiritual na construção do conhecimento e da ética contemporâneos na vida pessoal, social e maçônica.

5. Referências

- BARBOUR, I. G. *When Science Meets Religion: Enemies, Strangers, or Partners?* HarperOne, 2000.
- NEWBERG, A.; D'AQUILI, E.; RAUSE, V. *Why God Won't Go Away: Brain Science and the Biology of Belief*. Ballantine Books, 2001.
- NEWBERG, A.; WALDMAN, M. *How God Changes Your Brain*. Ballantine Books, 2009.
- POLKINGHORNE, J. *Science and Theology: An Introduction*. Fortress Press, 1998.
- SHELDRAKE, R. *Science Set Free*. Deepak Chopra Books, 2012.
- GOSWAMI, A. *La Física del Alma*. Ediciones Cultrix, 2004.
- HUSTON, T. *¿Qué es la Espiritualidad?* Editorial Loyola, 2006.
- SUPREMO CONSEJO DEL RITO ESCOCÉS ANTIGUO Y ACEPTADO. *Rituales y Manuales desde el Grado Simbólico al Filosófico*. Éditions diverses.

A PURA MAÇONARIA: O maçom a caminho da consciência cósmica

Marcelo Garcia Lufiego ¹

Resumo:

Neste artigo, o autor discorre sobre temas abordados em seu livro homônimo, em que defende que o ser humano, especialmente o homem-maçom, tenha como missão de vida o desenvolvimento moral, intelectual e espiritual. A leitura, o estudo e a produção textual fomentam a facilitação dos processos evolutivos dos níveis de autoconsciência, habilitam a mente, o cérebro, a sofisticar cada vez mais suas capacidades intelectuais e intuitivas, tornando possível a compreensão de lições mais sutis da existência pessoal e coexistência social. Some-se a isso que a prática maçônica, no seu sentido mais amplo, que inclui o trabalho ritualístico, o estudo das doutrinas e, além disso, a vivência da moral maçônica no mundo exterior às Lojas, o mundo profano, tem a faculdade de agir como um catalizador das funções cerebrais, aproximando continuamente o homem-maçom de uma condição de plenitude mental e espiritual, conectando-o à presumida existência de vários níveis de existência material e imaterial da vida e do universo. Além da consequente experiência pessoal do homem que se permite vivenciar todo esse fenômeno e que, portanto, potencializa suas percepções e escolhas, resta inevitável que o caminho da consciência cósmica também entregue à sociedade indivíduos mais aptos a enfrentar e vencer os mais complexos desafios da existência terrena, contribuindo para a felicidade e harmonia do gênero humano.

Palavras-chave:

Maçonaria; autoconsciência; felicidade.

Abstract:

In this article, the author discusses themes addressed in his eponymous book, in which he argues that the human being's mission in life is moral and intellectual development. On the one hand, reading, studying, and textual production foster the facilitation of their own processes, enabling the mind and brain to increasingly sophisticate their intellectual and intuitive capacities, making possible the understanding of more subtle lessons of personal and social existence. Added to this is the fact that Masonic practice, in its broadest sense, which includes ritualistic work, the study of doctrines, and, furthermore, the practice of Masonic morality in the world outside the Lodges—the profane world—has the faculty of acting as a catalyst for brain functions, continuously bringing the man-Mason closer to a condition of mental and spiritual fullness, connecting him to the presumed existence of various levels of material and immaterial existence of life and the universe. Beyond the consequent personal experience of the man who allows himself to face this entire phenomenon and whitch, therefore, enhances his perceptions and choices, it remains inevitable that the path of cosmic consciousness also delivers to society individuals who are more apt to face and overcome the highest challenges of earthly existence, contributing to the happiness and harmony of the human race.

Keywords:

Freemasonry; self-awareness; happiness.

¹ Bacharel em Ciências Jurídicas e membro da Grande Loja de Santa Catarina E-mail: marcelolufiego@yahoo.com.br

No gigantesco Brasil, a literatura de temas concernentes à Arte Real tem um imenso espaço a ocupar e uma relevante missão pedagógica a cumprir. A permanente tarefa do maçom em conhecer-se e aperfeiçoar-se para desempenhar o papel de um dedicado e eficiente construtor social é árdua. Logo, as fontes de estudo da ciência simbólica e os meios de reflexão filosófica acerca do sistema de moralidade maçônico são fundamentais à sua correta preparação. A literatura maçônica, como fonte de conhecimento e exercício mental, muito além de mero entretenimento, que existe, está presente e é relevante, também desempenha uma importantíssima função complementar ao Sistema Instrucional da maçonaria regular. É, pois, nessa direção que escrevemos.

A leitura, o estudo, a pesquisa e a produção literária são o combustível do intelecto; a reflexão filosófica e a meditação profunda num ambiente silencioso, estando a mente livre de quaisquer ruídos e inquietações, são o combustível do espírito, capazes de fazer, com o passar do tempo, que entendamos a interconectividade entre todos os seres espirituais, aqui no Planeta Terra ou em qualquer outro lugar do Universo. Quanto mais estudarmos e pesquisarmos, maior será a nossa capacidade de concentração e mais intensa será a assimilação de informações relevantes; quanto mais escrevermos, maior será a velocidade de produção e, como corolário, a quantidade de texto produzido. É exatamente o que Marco Túlio Cícero, prócere da República Romana, ao discorrer sobre a retórica, uma das *Sete Artes Liberais*, denominava de *"motus animi continuus"*. Aliás, o inverso também é verdadeiro: se não praticarmos a escrita, quando tivermos que escrever uma composição literária qualquer, por mínima que seja, um conto, uma crônica ou um simples poema, a folha em branco parecerá um abismo fantasmagórico, um deserto totalmente inóspito e ameaçador, e nossa capacidade de escrita, um poço absolutamente seco, sensação, aliás, amplamente conhecida e lembrada desde a época de colégio, quando a professora nos exigia a produção de uma "redação", a partir de um tema proposto, sem que antes nos tivessem ensinado o hábito da leitura e desenvolvido nossa capacidade de escrever cotidianamente. O mesmo princípio se aplica à leitura: se lermos com a necessária dedicação, leremos cada vez mais; o intervalo entre um livro e outro será cada vez menor, até chegarmos ao hábito, extremamente positivo para a ativação dos neurônios, de ler vários livros concomitantemente. De modo inverso, se não tivermos o hábito da leitura, corremos o risco de ter em mãos, por exemplo, *"Memórias Póstumas de Brás Cubas"*¹, uma das principais obras da literatura mundial, e não passarmos da saudação machadiana

"ao verme que primeiro roeu as frias carnes do meu cadáver", simplesmente fechando o precioso livro para, aí sim, perder-se tempo com alguma outra coisa. A leitura e o estudo, associados à meditação profunda, estando a mente, pelo cumprimento do dever, tranquila e sem preocupações, o autocontrole e a prática constante do amor fraterno são os caminhos que permitem ao maçom galgar os diversos níveis de autoconsciência, tendo como meta a consciência cósmica ou superconsciência, condição extremamente difícil de ser alcançada na experiência sensitiva terrena, que denominamos de "vida". Nada obstante, o que realmente importa é caminharmos em direção a ela, como se fosse um farol sinalizador da sofisticação intelectual e espiritual, conquistando continuamente os mais elevados níveis de autoconsciência para a realização pessoal e para o benefício da construção do "edifício social".

Como sabemos, a Ordem Maçônica, institucionalmente e como fenômeno sociológico, apresenta um caráter altruísta, humanista e humanitário, não se constituindo um fim em si mesma. Existe para o bem da Humanidade. A missão da pura maçonaria está voltada principalmente para os segmentos sociais formados por não-maçons, que denominamos de "mundo profano", ou seja, aqueles que estão "fora do templo". Pessoas as quais estamos obrigados a socorrer e prover necessidades justas, independentemente da opinião que tenham sobre nós, devido ao pacto que temos diretamente com o Grande Arquiteto do Universo, que é Deus, o Eterno, em defesa das forças do bem, combatendo todas as formas de opressão e sofrimento, com o aperfeiçoamento social e fomento ao processo civilizatório. Esforço que vai desde a doação de uma simples cesta alimentar, de roupas e agasalhos, de orientação e encaminhamento na senda do bem, de oportunidades de emprego e trabalho, até a construção de escolas e hospitais.

A obra em foco, *"A Pura Maçonaria – O Maçom a Caminho da Consciência Cósmica"*, compõe-se de quatro partes, didaticamente apresentadas ao público leitor, preferencialmente maçônico. A primeira parte aborda as origens e a estruturação da maçonaria universal de um modo alegórico, bem como apresenta uma visão histórica, com fundamento fático, da formação da maçonaria no Brasil; a segunda, enfoca a "senda iniciática"; a terceira, que empresta seu nome ao subtítulo do livro, traz um estudo sobre a "Consciência Cósmica"; e na quarta e última parte, discorre-se sobre a missão social da Ordem Maçônica.

Na obra, a abordagem das origens e da formação da maçonaria apresenta ao leitor um texto

¹ Obra de Machado de Assis.

alegórico². Uma releitura de antigas e fantásticas alegorias escritas em prosa poética sobre as origens e estruturação da geometria, que é a pura maçonaria. Assim ensinaram os sapientíssimos mestres do Ofício, cujas pegadas restaram indeléveis para sempre nas margens do gigantesco Nilo, serpente hídrica, paraíso dos crocodilos, seiva da vida no Egito. Alegorias consagradas e contidas em históricos ordenamentos jurídico-maçônicos, antigas brochuras, longevos manuscritos, estatutos e constituições da Confraria dos Pedreiros-Livres, inicialmente selecionados e operativos, posteriormente aceitos e especulativos. Construtores de templos, monastérios, palácios e estupendas catedrais góticas, livros pétreos que transmitem mensagens esotéricas aos olhos dos iniciados nos augustos mistérios da Arte Real. Igrejas monumentais, como nunca vistas, com torres altíssimas apontadas para o infinito e esplêndidos arcos ogivais que, a um só tempo, testemunharam e testemunham ainda hoje a grandeza e a insignificância do homem. Edifícios que embalam os sonhos de obreiros operativos disciplinados, que foram substituídos por exemplares construtores sociais com o passar dos séculos, dedicados diuturnamente ao árduo trabalho de edificação metafísica de castelos à virtude e escavações esotéricas de masmorras ao vício. Pedreiros-livres operativos, que podiam deslocar-se pelos caminhos do medievo de um canteiro de obras para outro; iniciados na corporação dos construtores, que gravavam na pedra sua marca personalíssima, assinando suas grandiosas obras. Mestre, companheiros e aprendizes, discípulos de Euclides, Vitruvius e Villard de Honnecourt.

As ordenações jurídicas europeias medievais - *old charges* - produzidas pela maçonaria operativa, depois de regerem a Arte Real nas guildas ou corporações de ofício, entraram para a história da literatura como obras-primas do estilo literário alegórico, devido às histórias lendárias nelas contidas acerca do surgimento e da estruturação da maçonaria no mundo. Além disso, influenciaram o conteúdo de ordenações surgidas posteriormente, que também abordaram em seus preâmbulos, mantendo o estilo alegórico, as origens e a relevância da Ordem Maçônica no processo civilizatório da Humanidade, a exemplo do Manuscrito Dumfries e das célebres Constituições de Anderson, que vieram à luz na Idade Moderna. Essas preciosas e interessantíssimas *old charges*, merecem especial atenção do maçom e do leitor em geral, posto que a beleza literária daqueles textos extrapola o interesse especializado ou corporativo. Acima de todas,

medievais ou modernas, pela beleza poético-alegórica, a atenção e o estudo deve se dirigir principalmente às duas *Constituições Góticas* clássicas, destacadas do conjunto das “Antigas Ordenações”: o Manuscrito Halliwell, denominado “o Regius”, século XIV, e o “Manuscrito Cooke”, século XV, obras-primas do estilo literário maçônico, endereçadas ao deleite de intelectos superiores e à regulamentação do trabalho de mãos calejadas pelo desbaste das asperezas da pedra física e, mais tarde, a partir dos tempos modernos, metafísica.

A verdade é que a tradição oral, por muito tempo único meio de transmissão dos conhecimentos do *ofício da construção*, do mestre para os companheiros e destes para os aprendizes, não era absolutamente indene de alterações ou distorções prejudiciais ao bom andamento dos trabalhos. Assim, as *antigas ordenações*, especialmente a partir dos Estatutos de Bolonha de 1248³, registraram por escrito a deontologia dos pedreiros-livres, objetivando à preservação dos princípios maçônicos operativos em sua pureza. Subjacentemente, também desempenharam a função de proteger o *Ofício* da concorrência desleal de grupos de construtores não iniciados nos augustos mistérios da Arte Real. Estas históricas ordenações continham, além de regras aplicadas ao exercício profissional, regras de etiqueta com o escopo de melhorar o comportamento social dos membros da confraria e, no estilo alegórico, em prosa poética, textos introdutórios sobre as origens e destaque social da Ordem Maçônica. Estes “poemas” alegóricos, algumas vezes, são incompreendidos por maçons do presente, posto que enxergam naquelas estupendas “*peças de arquitetura*” apenas dizeres fantasiosos, sem nenhuma historicidade, como se isso fosse um defeito, como se os autores dessas magníficas obras literárias não tivessem o mínimo conhecimento histórico, enquanto, em verdade, estão diante de alegorias que - como toda alegoria - dizem uma coisa, as histórias fantásticas, para significar outra, as longevas e nobres origens da maçonaria e a importância relevantíssima da Ordem no processo civilizatório. Uma excelente fonte de estudo para entender as diferenças entre narrativas históricas, que dependem da veracidade fática para ter credibilidade, e alegóricas, que devem ser interpretadas à luz dos cânones da ciência simbólica, que dispensam a veracidade fática, permanecendo focadas na mensagem moral a ser transmitida, são as obras de Albert Mackey⁴. Neste sentido, o intelectual maçom Avelino Lombardi Júnior ensina que “convém destacar

² Com as características inerentes à linguagem alegórica e não das narrativas históricas.

³ O escritor Jean Ferré, apresenta ao pesquisador uma excelente abordagem sobre os *Estatutos de Bolonha* e outras

ordenações medievais e modernas na obra “A história da franco-maçonaria (1248 -1782)”.

⁴ Com destaque para o Livro “*The Symbolism of Freemasonry*”.

que os relatos anteriores à Idade Média, aos construtores operativos e às *old charges* não devem ser compreendidos como uma reconstrução literal dos fatos históricos”, esclarecendo ao leitor da obra em comento a natureza do texto, concluindo que a forma alegórica de sua apresentação é a “expressão simbólica de uma tradição arquetípica, que ancora o ensinamento iniciático e transcende a dimensão meramente factual”⁵.

A segunda parte do livro, ainda em linguagem simbólica, produzindo-se um texto alegórico, que protege os arcanos e princípios maçônicos não publicáveis, devido apenas e tão somente à natureza iniciática que possuem, pois do ponto de vista moral nada existe na doutrina maçônica que não possa e não deva vir a público, aborda o processo iniciático com a morte simbólica do homem-profano e seu renascimento como homem-maçom. A *iniciação*, que no Brasil denominamos de Sessão Magna de Iniciação, é apenas o momento inicial de uma longa jornada de ascensão do maçom aos mais elevados níveis de autoconsciência, que, no livro, chamamos de “senda iniciática”.

Em apertada síntese, são três os estágios da senda iniciática, vale dizer, da caminhada interminável de aquisição de conhecimento e sabedoria, que começa a partir do vislumbre do primeiro feixe de verdadeira luz (quando os acordes da *Sinfonia do Destino*⁶ de Beethoven soam mais altos em nossos ouvidos, penetrando profundamente na alma) e se dirige em direção ao clarão cósmico, que, abrindo os portais dos níveis mais elevados de autoconsciência, pode levar o ser espiritual à apoteose da superconsciência, que é a consciência do cosmos: estágio evolutivo mental e espiritual que descortina ao ser humano a dimensão intrínseca da ordem universal, revelador de que o homem, a um só tempo, está dentro do Universo e tem o Universo dentro de si.

O primeiro estágio: da inquietação da mente, sob o peso de pensamentos obscuros e desconexos, do caos mental (des)construído ao longo de anos, à reestruturação psíquica, que se inicia na mais completa escuridão e, depois, intensifica-se na claridade da luz com a retirada das vendas materiais, marcada pela plenitude da *passagem da glória do mundo*. É neste momento inesquecível, consequente para o resto da vida, que o maçom tem um incipiente vislumbre da verdadeira luz, com a primeira experiência de *morte simbólica* do homem-profano e imediato *renascimento iniciático* da psique, agora elevada a um nível mais alto de autoconsciência em face do *status* anterior, da qual emerge vibrante o homem-maçom. O segundo estágio:

da psique organizada, ou seja, da mente livre de ruídos e inquietações autoformadas ao fastígio da espiritualidade plena de paz interior, com o paulatino domínio dos cânones que regem a ciência simbólica, bem como com a assimilação progressiva dos arcanos e mistérios que compõem a doutrina da Arte Real. Para a quase totalidade dos maçons ativos, esse é um processo vitalício de progressão mental, intelectual e espiritual, consubstanciado na ascensão gradativa do ser individual, que sobe intrépido os degraus da Escada de Jacó, isto é, os níveis de autoconsciência, tendo por meta o cálice sagrado, que simboliza a plena caridade. Para todos, o processo será marcado pelo giro permanente pelos Graus Simbólicos. Para muitos, será marcado também pelo giro opcional através dos Graus Filosóficos do rito no qual foram iniciados e para alguns, poucos, na verdade, também pelo giro dos Graus Filosóficos de outros ritos maçônicos justos e perfeitos. Ritos maçônicos são códigos que transmitem o ato comunicativo iniciático. Os códigos podem diferir em seus caracteres periféricos, mas mantêm o mesmo cerne e transmitem o mesmo conteúdo, a essência imutável da Arte Real. É neste contexto, verdadeira e magnífica experiência de vida, que o maçom, progredindo na senda iniciática, vai galgando os vários subníveis de autoconsciência, desenvolvendo serenidade, adquirindo sabedoria, praticando a tolerância nos moldes da mais elevada caridade, simbolizada pela mão que segura a taça da vida, e experimentando o amor impessoal, fatores que, na realização da missão maior da Ordem Maçônica, permitem a formação de um competente e ativo construtor social para o bem da Humanidade, principalmente a favor dos que não ultrapassaram o limiar entre o mundo profano e os portais iniciáticos da geometria, que, como vimos alegoricamente, trata-se da mais pura maçonaria. O terceiro e último estágio: dos mais altos níveis de autoconsciência e espiritualidade à consciência cósmica, quando as arestas da Pedra Bruta já estiverem esculpidas de tal forma que nos tornemos receptivos ao clarão da superconsciência, tornando, inclusive, desnecessário o uso do *Avental*, porque encerrado o trabalho, e a isso se somem os fatores inefáveis, que revelam a verdadeira e definitiva luz e que não dependem da nossa vontade ou preparação; aliás, como é comum, podem nunca vir. O certo é que efetivamente não se revelarão se não estivermos preparados. Àqueles que estiverem preparados a passar pela experiência transcendental de assunção à consciência cósmica, pela qual poucos passaram, dentre os quais o psiquiatra canadense Richard Maurice Bucke⁷ –

⁵ A Pura Maçonaria – O Maçom a Caminho da Consciência Cósmica”, p. 38, 1ª. Edição, 2025.

⁶ Sinfonia n. 5.

⁷ Autor do livro “Consciência Cósmica”, publicação brasileira de 1996 pela *Antiga e Mística Ordem Rosae Crucis*.

considerando seu testemunho como verdadeiro – esperar, estando preparado, que tal aconteça, por si só, já é algo grandioso, e é o que basta para fazer com que se vivencie a antessala da plenitude da existência humana na experiência sensitiva terrena.

Na terceira e principal parte do livro, abordamos a correlação entre a filosofia maçônica, a essência do conhecimento que substancia a Arte Real, e a evolução da consciência humana. Consciência não é sinônimo de racionalidade, embora não a exclua; os elevados níveis de consciência referidos ao longo da obra, não correspondem ao que Carl Jung⁸ denomina de “avançada consciência do homem civilizado”, que, no entender do mestre da psicologia, ao invés de aproximar o homem da consciência cósmica, limita a capacidade humana de acessar os símbolos numinosos na medida em que dificulta a assimilação daquilo que provém do instinto ou do inconsciente. Consideramos a consciência também como sinônimo de clarividência, de espiritualidade, além da intelectualidade, em que racionalidade, intuição e emanções do inconsciente são complementares e concomitantes. O livro desenvolve uma espécie de *cartografia da consciência* do homem-maçom ao longo da senda iniciática. A caminhada evolutiva de aperfeiçoamento dos níveis de autoconsciência leva o maçom que compreende e vivencia os arcanos da Arte Real cada vez para mais perto da superconsciência ou consciência do cosmos, fonte de toda vida. Como ensina o *Vedanta*⁹ e a física quântica principia a explicar, somos matéria, consciência e energia. A senda iniciática, na experiência sensitiva terrena, é uma viagem fabulosa, repleta de descobertas e epifanias, que estimulam o autoconhecimento, que levam à sofisticação intelectual com o desenvolvimento das capacidades mentais, aumentando o aperfeiçoamento espiritual. Corolário disso, a compreensão de nossa conexão com as admiráveis e onipresentes energias cósmicas se robustece. A noção de interconectividade com pontos distantes do Universo, com seres espirituais semelhantes a nós, vai ganhando corpo e se torna uma realidade em nosso sentir. A senda iniciática permite perceber que, espiritualmente, estamos conectados com o espírito do Universo, e materialmente, com tudo o que existe nele. Tudo é vibração de partículas subatômicas, inclusive a alma. O estudo reiterado da ciência simbólica, a observância dos preceitos morais maçônicos ao longo do tempo, a prática ritualística com dedicação e precisão geométrica, que de modo muito sutil aperfeiçoam o intelecto, permitem ao maçom

dedicado e estudioso uma compreensão extraordinária das relações entre a parte e o todo, e as implicações disso em nossas vidas.

Ao especularmos sobre a conexão da consciência com algo maior, universal, podemos inferir que o cérebro é apenas uma caixa de recepção e decodificação das ondas energéticas cósmicas. Por que é tão fácil aceitar que o homem, simples criatura, tenha desenvolvido aparelhos receptores de ondas, como o tradicionalíssimo rádio, e é tão difícil aceitar que o Criador, a natureza, como queira o leitor, que tudo pode no âmbito da Criação, tenha desenvolvido seu “aparelho receptor de ondas”, que denominamos cérebro? Além disso, essa especulação apresenta-se plenamente coerente com a crença na eternidade da alma e nos aproxima da possibilidade de que a chamada sucessão de reencarnações seja efetivamente um fenômeno comum, embora misterioso, e que possa acontecer, levando o espírito humano para além deste mundo, nos infinitos planetas espalhados pelo cosmos em que existam seres espirituais compatíveis conosco. Se o espaço sideral é infinito, se os corpos celestes são incontáveis, se o próprio Universo possa ser uma pequena partícula no encadeamento de “mundos” que compõem o hipotético “Multiverso”, se o tempo é eterno, seria muita arrogância de nossa parte, atentando contra as melhores inteligências, a afirmativa de que a vida é um fenômeno exclusivo do Planeta Terra e que tudo se encerra em um mero ciclo biológico. Diz o sábio: “Na busca pela verdade, devemos atentar para o que dizem os profetas e as grandes encarnações da verdade divina, porque suas palavras são as chaves que abrem o que está dentro de cada um de nós e, assim, perceberemos que a verdade é universal e está ao alcance de todos”¹⁰.

A quarta parte da obra, dedica-se à construção do edifício social, à felicidade humana, enquanto missão extrínseca precípua da Ordem Maçônica. A razão de ser da maçonaria é a consolidação das sociedades humanas estruturadas sobre os sãos princípios da liberdade civil, da igualdade de oportunidades e da fraternidade consubstanciada no amor fraternal e impessoal, consideradas todas as guerras como execráveis eventos fraticidas, todos os conflitos belicosos como lastimável perda de oportunidade de entendimento, como vexatório testemunho de incompetência no gerenciamento das diferenças entre os homens e entre os grupos sociais e nacionais. A Ordem Maçônica acredita, e trabalha nesta direção, que o livre-arbítrio, vale dizer, a

⁸ Carl G. Jung, autor das obras “O Homem e seus Símbolos” & “Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo”.

⁹ Doutrina puramente metafísica, desenvolvida na Índia ancestral, baseada nas leis espirituais gerais e imutáveis, que

se ocupa do conhecimento, do estado de autorrealização plena ou de consciência cósmica.

¹⁰ Paramahansa Yogananda, autor das obras: “Onde Existe Luz” & “A Eterna Busca do Homem”, dentre outras.

possibilidade de que cada ser humano possa fazer seus próprios julgamentos, é um direito fundamental do homem; para tanto sabe, também, que os corações precisam estar bem-estruturados, moralmente bem-formados, tanto quanto os intelectos precisam possuir conhecimentos sólidos e diversificados, em que pese, no processo de especialização do conhecimento, ser melhor saber muito de pouco do que saber pouco de muito. O objetivo da Ordem Maçônica é elevar a Humanidade a patamares nos quais os seres humanos sejam infelizes o menos possível, mesmo porque a instituição, também sendo realista, sabe que a felicidade permanente não está nos planos do Grande Arquiteto do Universo para a experiência humana terrena, que nada mais é do que um fabuloso rito de passagem para o aperfeiçoamento espiritual do homem, e que denominados de “vida”. Denominação esta, registre-se de passagem, intuitiva e absolutamente incompleta, pois a experiência sensitiva terrena é um átimo de tempo no processo de vida espiritual de cada um de nós; processo que se estende para a eternidade e em direção ao infinito. Por isso, na Terra, nossa principal missão, enquanto construtores sociais, é tornar menos infeliz a Humanidade pelo amor, pela igualdade, pela tolerância, sempre tão em falta nas relações interpessoais e internacionais, e pelos demais meios revelados aos maçons diuturnamente pelas chancelarias das *Loja Maçônicas*. “*Levantar Templos à virtude e escavar masmorras ao vício*” é a alegoria clássica que sintetiza o sistema maçônico de moralidade, posto a serviço de todos, maçons e profanos.

Bibliografia:

- ASSIS, Joaquim Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. São Paulo, SP, Brasil: Maquinaria Editorial, 2025.
- BUCKE, Richard Maurice. *Consciência Cósmica*. Jaboticabal, SP, Brasil: Editora Anna Ruggieri, 2023.
- FERRÉ, Jean. *A História da Franco-Maçonaria (1248-1782)*. São Paulo, SP, Brasil: Madras Editora, 2000.
- JUNG, Carl Gustav. et al. *O Homem e seus Símbolos*. Rio de Janeiro, RJ, Brasil: Harper Collins Editora, 2016.
- JUNG, Carl Gustav. et al. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Petrópolis, RJ, Brasil: Editora Vozes, 2014.
- LUFIEGO, Marcelo Garcia. *A Pura Maçonaria – O Maçom a Caminho da Consciência Cósmica*. Joinville, SC, Brasil: Manuscritos Editora, 2025.
- MACKEY, Albert Gallatin. *The Symbolism of Freemasonry Illustrating and Explaining Its Science and Philosophy, Its Legends, Myths and Symbols*. Praga, República Checa: Editora e-artnow, 2020.
- VASSAL, Pierre-Gérard. *Curso Completo de Maçonaria - História Geral da Iniciação*. 1ª edição. São Paulo, SP, Brasil: Madras Editora, 2020.
- YOGANANDA, Paramahansa. *Onde Existe Luz*. Rio de Janeiro, RJ, Brasil: Editora Self-Realization Fellowship, 2016.
- YOGANANDA, Paramahansa. *A Eterna Busca do Homem*. Rio de Janeiro, RJ, Brasil: Editora Self-Realization Fellowship, 1998.

MAÇONARIA, ARTE E CIÊNCIA: Uma práxis metódica de vanguarda, ponto de encontro para uma conversa ampla

Sebastián Sfriso ¹

Resumo:

Há evidências suficientes de que a Maçonaria nasceu com um espírito vanguardista que entrelaça o conhecimento científico, artístico e técnico com uma vontade eminentemente prática de se constituir como um ator social. Este artigo tem como objetivo destacar alguns marcos nessa jornada, desde o primeiro dos textos considerados como parte do corpus maçônico canônico, o Manuscrito Regius (cerca de 1390), até a primeira edição da Constituição de Anderson (1723), como o restante dos textos conhecidos como as Antigas Obrigações, bem como a ligação inevitável entre o surgimento da chamada Maçonaria especulativa e a Royal Society. Propomos pensar na existência de um método especificamente maçônico que contempla ciência e arte como caminhos diferentes e concorrentes da busca humana pela verdade e da criação do significado. Uma reflexão sobre a tradução entendida como interpretação propõe repensar o complexo metafórico da tradição maçônica com uma perspectiva de engenharia; ou seja, uma práxis concreta que trabalha sobre as coisas e cujos processos e resultados são mensuráveis em termos de razoabilidade, e não de verdade/falsidade. Essa visão compartilha raízes comuns com o conceito e a tradição de todas as vanguardas, enfatizando o caráter iniciático que distingue a Maçonaria e o conceito de fraternidade como pedra angular da agência social maçônica, como conceito político, propomos elevar a urgência de repensar (traduzir, interpretar) a tradição cultural maçônica, seu status e seu papel no mundo contemporâneo.

Palavras-chave: Maçonaria, método, ciência, arte, práxis, vanguarda, engenharia, tradição, fraternidade, hermenêutica, tradução, livre-pensamento, política, poiesis, techné, episteme, doxa, emergência, desafios globais, cosmopolitismo, novas tecnologias, mudanças climáticas, construção da cidadania, secularismo, tradições iniciáticas, verdade, verossimilhança, razoabilidade, paradigma, grandes narrativas, significado, paz social, cosmopolitismo, cultura, sagrado.

Abstract:

There is sufficient evidence that Freemasonry is born with an avant-garde spirit that interweaves scientific, artistic and technical knowledge with an eminently practical will to constitute itself as a social actor. This paper aims to point out some milestones of this journey, from the first of the texts considered as part of the canonical Masonic corpus, the Regius Manuscript (circa 1390) to the first draft of Anderson's Constitutions (1723), as well as the rest of the texts known as Old Charges, and the unavoidable link between the emergence of the so-called speculative Freemasonry with the Royal Society and a new paradigm of the time. We propose to think about the existence of a specifically Masonic method that contemplates science and art as distinct yet concurrent paths in the human search for truth and the creation of meaning. A reflection on translation understood as interpretation proposes to rethink the metaphorical complex of the Masonic tradition with an engineering gaze; that is, a concrete praxis that works on things and whose processes and results are measurable in terms of reasonableness rather than truth/falsity. This gaze shares common roots with the concept and tradition of all the avant-gardes. Emphasizing the initiatory character that distinguishes Freemasonry, and the concept of fraternity as the cornerstone of Masonic social agency, as a political concept, we propose to raise the urgency of rethinking (translating, interpreting) the Masonic cultural tradition, its status and its role in the contemporary world.

Keywords: Freemasonry, method, science, art, praxis, avant-garde, engineering, tradition, fraternity, hermeneutics, translation, freethought, politics, poiesis, techné, episteme, doxa, emergence, global challenges, cosmopolitanism, new technologies, climate change, citizenship building, secularism, initiatory traditions, truth, verisimilitude, reasonableness, paradigm, grand narratives, meaning, social peace, cosmopolitanism, culture, sacred.

¹ Subsecretário de Cultura da Grande Loja da Argentina. Diretor da Casa de Cultura da Grande Loja. Presidente fundador da Associação Civil Carlos Mallmann. Ex-presidente da filial de Córdoba e ex-primeiro vice-presidente do Instituto Secular de Estudos Contemporâneos da Argentina. Tradutor científico literário do alemão, espanhol, francês, inglês e italiano. E-mail: sebastiansfriso@gmail.com

1. Texto, contexto, intertexto e mais

É saudável e sempre feliz abordar um texto aspirando a uma compreensão completa de sua enunciação. Isso se aplica tanto às relações de um texto com os textos com os quais dialoga explícita ou implicitamente quanto às condições culturais, linguísticas, históricas e epistêmicas de seu surgimento em uma tradição cultural. Nas palavras de Julia Kristeva: "(...) *tout texte se construit comme une mosaïque de citations, tout texte est l'absorption et transformation d'un autre texte*". [(...) A construção de qualquer texto é um mosaico de citações, é a absorção e transformação de outro texto] ¹ (Kristeva, 1969).

Os termos sobre os quais propomos refletir, arte, ciência e maçonaria, têm mudado seu significado ao longo do tempo, e essa modificação progressiva diacrônica tem seu correlato sincrônico: hoje, um consenso unânime sobre o significado desses termos está longe de ser uma realidade. Na ausência de uma concepção universalmente compartilhada do primeiro significado, há muito menos consenso em torno dos cruzamentos, imbricações, diálogos e influências entre essas práticas ou disciplinas. É necessário avançar com prudência metodológica, se aspirarmos a algo além de expressar apenas uma opinião.

Mas não há motivo para desanimar; uma abordagem provisória aponta claramente uma vasta série de marcos que explicam o vínculo indiscutível entre Maçonaria, Arte e Ciência, que nos permite continuar por esse caminho de vários séculos, cheio de maravilhas, cujo surgimento contribuiu e continua definindo nossa cultura.

Em tempos marcados pelo culto à velocidade vertiginosa, pela performance como um índice quase exclusivo de sucesso, por um desrespeito surpreendente pela noção de verdade (Frankfurt, 2005), talvez seja auspicioso refrescarmos as fontes das quais surgiu o conhecimento que a humanidade cimentou pacientemente, *corsi e ricorsi* (nas palavras de Giambattista Vico) e com tenacidade.

A *Docta Ignorantia* tem uma longa linhagem que poderíamos traçar até os escritos de Platão, mas é graças a Nicolau de Cusa (1440) que, no Renascimento, o conceito é instalado como um estado mental marcado pela honestidade intelectual e serenidade na inescapável busca humana por significado: "Assim, a *Docta Ignorantia* já é equivalente a um estado de abertura da alma ao

conhecimento: mais do que uma posse, a ignorância sábia é uma "disposição" (Ferrater Mora, 2009)".

Essa *disposição* é, sem dúvida, uma das características distintivas da tradição maçônica, ao mesmo tempo em que foi fonte de inúmeros ataques, vituperações e perseguições que a Maçonaria enfrentou por séculos e cuja intensidade, assim como a incompreensão, persistem, embora com uma aparência *light* e um tanto caricatural.

Uma era que emite sinais inconfundíveis de desapego da verdade, de crescente intolerância diante da sempre saudável disputa de ideias e trocas de pontos de vista, de uma incompreensão franca (senão um desprezo violento) pelas expressões artísticas, nos convoca a repensar os termos contemporâneos dos debates sobre os destinos de nossas sociedades.

2. Cultura Maçônica: esboço de um método

Talvez uma maneira feliz de superar muitos obstáculos seja renunciar à pretensão totalizante e, de certa forma, totalitária, tentar circunscrever cada área para tentar compreendê-la em conceitos (Oncina, 2010) e, em vez disso, começar a nos reconciliar com os fatos simples: existe uma cultura maçônica; ela existe, está lá, tem uma história, tem características identitárias reconhecíveis, tem uma estética associada, uma práxis, igualmente reconhecível, e parece ter um denominador comum de propósitos e objetivos. Isso vale para a ciência e para a arte.

"Our doubts are traitors / And make us lose the good we oft might win / By fearing to attempt". ["Nossas dúvidas são traidoras / que muitas vezes, por medo de tentar / nos fazem desistir do bem que poderíamos alcançar de outra forma"]² (Shakespeare, 1993).

Para não voltar muito atrás, podemos dizer que, pelo menos desde Descartes até meados do século XX, criamos um culto à dúvida. Essa *disposição*, que talvez possa ser útil em disciplinas específicas, implica, se a tivermos em fetiche, o risco de nos engolir em pensamentos cada vez mais distantes do mundo e, pior ainda, de nos privar de todo entusiasmo pela vida e pela ação.

¹ Traduzido pelo autor.

² Notre traduction.

Há um ponto antes de qualquer prática específica em que o Maçom, o cientista, o artista não hesitam. Se alguém nos perguntasse se a Maçonaria existe, uma resposta razoável seria: "Eu respondo quando eu voltar da Loja, depois do Ágape". Há um frescor *vital* nessa resposta, e não pouca verdade. Algo semelhante poderia ser respondido por um cientista sobre seu laboratório ou um artista sobre seu ateliê. Aqui encontramos um ponto interessante em comum.

Afinal, a ciência segue sem que a maioria dos cientistas saiba suas origens ou sua história, com a única exceção de epistemólogos, que geralmente são filósofos e não cientistas, ou alguns brilhantes divulgadores que, para isso, tiveram que se dedicar ao campo das artes (literatura, pintura, música, etc.) para tornar o conhecimento teórico acessível ao público em geral.

Algo semelhante acontece nas artes: embora seja verdade que a arte envolve trabalhar com técnicas, escolas, tendências, estilos, isso não chega ao ponto em que o artista deva se interessar pela origem da arte ou por uma definição teórica. Há grandes poetas completamente ignorantes dos estudos de semiótica e até gramática, grandes pintores que são completamente autodidatas e que nunca encontraram um texto de Winckelmann e cuja produção artística não é em nenhum momento diminuída por isso.

3. O método, um lugar de cruzamentos e encontros

O caráter iniciático da Maçonaria não é algo que precise ser demonstrado; está lá, à vista de todos. A Maçonaria é uma sociedade iniciática e, embora não seja necessário prová-la, é urgente repensar o que isso significa no século XXI.

Ao longo dos séculos, práticas e construções de significado adotaram caminhos tão divergentes que é impossível falar de uma filosofia maçônica que possa abranger todos eles. No entanto, existem características comuns, práticas compartilhadas e métodos há muito aceitos que nos permitem falar de um denominador metodológico comum. Há uma enorme riqueza em pensar a Maçonaria como método e em hipotetizar a existência de um método maçônico. Aqui reside a beleza, o desafio e também a origem de todo o imbróglio.

A palavra método tem uma origem que vale a pena se aprofundar. Em grego, significava algo como "perseguição a algo ou alguém" e logo adota o sentido de "busca, investigação"; mais tarde, é quase

sinônimo de "trabalho científico" (Robinson, 1953). O próprio Aristóteles usa o termo como sinônimo de ciência. A palavra μέθοδος é composta dos vocábulos μετά, "ir atrás de algo, ir além, perseguir", e ὁδός, "estrada ou caminho". As ressonâncias para a Maçonaria são vibrantes: a iniciação marca o momento em que abandonamos os "passos perdidos", sem uma direção aparentemente predeterminada, para iniciar um caminho, uma busca que envolva ir além. Ainda é maravilhoso que comecemos esse caminho sem saber exatamente do que consiste a busca ou do que se trata esse ir além.

O termo ὁδός, "camino", reaparece em outra palavra ressonante: período. Um περίοδος é "um caminho", ὁδός, "bem busca", περί, "de algo"; também é o curso da revolução dos astros (Bailly, 2015). Um caminho que consiste em uma caminhada circular, uma caminhada progressiva e em espiral que vai ainda mais longe em busca de um significado que nos escape e que, no entanto, está sendo construído por meio de uma prática comum, recorrente e cíclica. Esse caso constitui algo comum a todas as expressões da Maçonaria e nos permite destacar características que definem uma cultura maçônica e que são significativas por sua interseção com ciência e arte.

4. Este plural é muito singular

Estamos deliberadamente abordando o cerne da questão com lentidão deliberada (Köler, 2018), numa tentativa de evitar tanto frases aparentemente apodícticas, porém sem fundamento, quanto uma verborreia sem sentido, por outro lado.

Talvez seja hora de nos perguntarmos se é legítimo falar de Maçonaria, ciência e arte no singular. O desenvolvimento teórico nos convida a aceitar o plural nos dois últimos casos; não só não há unanimidade sobre o que são ciência ou arte, como também não há consenso sobre um termo unívoco que englobe todas as disciplinas ou ofícios que aspiram a esse nome.

A progressiva diversificação, especialização e crescente compartimentalização que a ciência viu, especialmente nos séculos XIX e XX, como resultado da proliferação exponencial de conhecimentos, descobertas e técnicas, somadas às diferentes teorias epistemológicas que estavam em sintonia com essa desagregação de disciplinas, justificam bem o plural.

Uma jornada análoga e quase paralela ocorreu com a arte; as diferentes escolas, os ismos sucessivos, a vanguarda (que sentiu a necessidade de

justificar sua própria prática artística com reflexões textuais e manifestas, que em muitos casos invocam conhecimento técnico ou científico), assim como a multiplicação de teorias estéticas, crítica literária, hermenêutica, etc., também dificultam a referência à arte no singular.

Podemos pensar, sem muito medo de nos enganar, que algo análogo acontece com a Maçonaria; a proliferação de ritos, a progressiva sedimentação de "usos e costumes", o surgimento de diferentes rituais, o aparecimento de diferentes corpos maçônicos, cujos mitos fundadores são invocados em diferentes documentos (e, por sua vez, também modulados, novamente, por "usos e costumes") apertaram tanto a corda do arco que, como acontece com a arte e a ciência, também na Maçonaria talvez fosse conveniente falar no plural.

Artes, ciências, maçonaria; esse plural é muito único, mas, novamente, não há motivo para desanimar; temos o desafio de aceitar o convite para refletir sobre o status e o papel da Maçonaria (ou Maçonarias) no século XXI.

5. Desvendando o ponto crucial

Toda ciência, toda arte, todo ofício tem um método sensu *stricto*, transmissível em palavras de linguagem natural; pode ser mais ou menos claro, mais ou menos apodíctico, mais ou menos interpretável, mas está lá, como um caminho a seguir para realizar processos, procedimentos, práticas de forma verdadeira, bela, correta ou eficaz. Nesse sentido, todo método é mais ou menos linear. A singularidade do método maçônico é que não é.

Falar de um método simbólico poderia quase ser equivalente a enunciar um oxímoro, mas de qualquer forma é uma complicação enorme. Do conjunto de sinais, o símbolo é, por definição, e de longe o mais ambíguo, polivalente, indeterminado, multifacetado, dúctil e aberto. Mas a práxis maçônica leva essas características do símbolo ao limite do desespero hermenêutico. Às vezes perdemos a paciência, começamos a buscar âncoras conceituais, delimitações linguísticas, interpretações, traduções, numa tentativa de compreender um conceito que tenha certa estabilidade.

E é exatamente ali que a singularidade do método maçônico perde toda sua razão de ser. Ao se referir ao complexo plexo de símbolos que marcam nossa jornada iniciática, a frase "isso significa isto" nomeia o fim do pensamento maçônico. As controvérsias, até mesmo brutais, entre diferentes

"campos" maçônicos: teístas, deístas, agnósticos, ateus, secularistas, religiosos, esotéricos, políticos (seguidos por um longo etecétera) surgem do desconforto de habitar o método que a Maçonaria nos propôs desde o início.

A palavra habitar não aparece aqui por acaso, e é possível pensar que a resolução desse desconforto (que muitas vezes é impossível) não deve ser buscada por outros métodos, mas pelo próprio pensamento maçônico. Mas a expressão "método maçônico" não implicaria em uma intransponível *contradictio in adiecto*?

"Quem diz que a lógica é seca e entediante, não tem interesse nem compreensão de pura teoria". Esta frase de Külpe, citada em Romero e Pucciarelli (1941) pode ser um bom começo. A Maçonaria não renuncia ao pensamento racional; pelo contrário, luta em sua defesa ao mesmo tempo em que incorpora, desde o início, muito mais do que o pensamento racional. Como esse não é o objetivo desta obra, sugere-se consultar o meticoloso trabalho de Benimeli, uma pesquisa profusa de mais de seiscentas páginas sobre bibliografia maçônica (Ferrer Benimeli, 1974).

6. As origens apagadas

O agrupamento de lojas na Inglaterra no século XVIII é um fato suficientemente documentado para se apegar, mas, ao mesmo tempo, só prova que já existia Maçonaria antes (Corbière, 2011).

Quão cedo, com que características, em que medida, com quais práticas, são questões que deram origem a um farrago incompreensível de hipóteses mais ou menos complexas e muitas vezes antitéticas.

Uma honestidade elementar nos leva a reconhecer que sabemos muito pouco sobre as origens da Maçonaria. Felizmente, isso não é um obstáculo para a Maçonaria continuar existindo.

O fato de que por mais de trezentos anos pessoas muito razoáveis, de origens e interesses completamente diferentes, participam dessa tradição já seria suficiente para nos incentivar sobre nosso propósito.

Sem afundar no matagal crítico, há muito consolidado em nossa tradição intelectual, podemos estabelecer traços, pinceladas, características que, sem qualquer pretensão de totalidade, nos permitem vislumbrar a contemporaneidade do surgimento da Maçonaria e sua estreita relação com a ciência e a arte; traços mais ou menos claros com os quais a maioria de nós poderia concordar.

Mas vamos dar um salto para o passado, um salto de acrobata.

Vou ser desculpado por não ser totalmente literal, por não respeitar a pontuação original e por estar localizado na variedade do Rio da Plata em espanhol. Há uma posição e também uma explicação teórica a esse respeito, que formulei em outro texto.³ Trata-se, em essência, de resgatar o espírito do texto mais do que sua mera literalidade, e de fazer isso reconhecendo explicitamente o local de onde alguém traduz algo. O trecho citado corresponde às linhas 557 a 575 de *A Study and an Interpretation of The Regius Manuscript. The Earliest Masonic Document* (HUNTER, , 1952).

Grammar is the first science, certainly,	Gramática é, sem dúvida, a primeira ciência,
Dialectic, the second, so have I pleasure,	Dialética é a segunda, e me satisfaz,
Rhetoric, the third, without denial,	Retórica é a terceira, não nego,
Music is the fourth, as I say to you,	Música é a quarta, como lhe digo,
Astronomy is the fifth, by my snout,	Astronomia é a quinta, lhe asseguro,
Arithmetic the sixth, without a doubt,	Aritmética é a sexta, sem dúvida,
Geometry the seventh makes an end,	Geometria é a sétima e encerra a lista,
For it is both meek and courteous.	Pois ela é humilde e cortês.
Grammar truly is the root	Na verdade, a gramática é a raiz
For whoever will learn in the book;	Para quem quer aprender nos livros;
But art passes it in degree	Mas a arte a supera em importância,
Even as the fruit does the root of the tree;	Como o fruto supera a raiz da árvore;
Rhetoric measures with adorned speech at intervals,	A retórica mede os intervalos com um discurso ornamentado,
And music, it is a sweet song;	E música é uma doce canção;
Astronomy enumerates, my dear brother,	A Astronomia enumera, meu querido irmão,
Arithmetic shows one thing that is another,	A aritmética nos mostra uma coisa que é outra,
Geometry is the seventh science,	A Geometria é a sétima ciência,
That can divide surely falsehood from truth.	que certamente pode separar a falsidade da verdade.

These are the seven sciences. Estas são as sete ciências.

Esse fragmento da primeira das *Old Charges* simplesmente nos isenta de análises mais ou menos inteligentes da convergência original de conhecimento artístico, científico, técnico e prático que marcou o *modus* maçônico desde seu início.

Nas palavras do brilhante cientista e pensador Carlos Mallmann: "Arte e ciência são dois lados da mesma moeda, unidos pela criatividade". Entendo que aqui a palavra criatividade propõe uma disposição pragmática para ações concretas.

Carlos Mallmann, pioneiro da energia nuclear na Argentina, participou do modelo matemático MMLA proposto como alternativa ao Modelo III do MIT. Esse último foi o adotado na época pelo Clube de Roma (Quiroga; Smart, 2015).

Décadas depois, no quinquagésimo aniversário do relatório *Os Limites do Crescimento*, o Clube de Roma apresentou o livro *A Terra para Todos* AA. VV. (2024), uma visão revisitada.

Durante a apresentação do livro, no Museu de Arte Contemporânea de Buenos Aires (MACBA), foi levantada a necessidade de estabelecer um diálogo entre ciência e arte como uma forma desejável de conscientizar as elites sobre os desafios, que devem tomar decisões em diferentes esferas públicas e privadas, locais e nacionais. A apresentação foi precedida por uma apresentação dos artistas de *Meadows, nuestra belleza*.

Como podemos ler na resenha sobre a apresentação:

Questões ambientais não podem ser abordadas isoladamente, mas exigem uma abordagem abrangente que reconheça sua influência em todos os aspectos da nossa existência. Por essa razão, além da esfera acadêmica e técnica, também é importante valorizar e promover a expressão artística como ferramenta para aumentar a conscientização e se conectar com a sociedade" (...) A arte, em suas diversas formas, é um canal que facilita a empatia e a

³ A tradução entendida mais como revelação do que como adequação. Feita por alguém para alguém. (...) Mais atenta à escuta do que à fala. A deixar falar. (...) "Sem dúvida, a questão é: quem traduz? Como se procede com o texto? (...)

"Quem decide sobre a precisão de uma tradução?" SFRISO, S. Nota sobre a tradução para o espanhol em HEIDEGGER, M. (2008).

comunicação das complexidades e urgências da crise ambiental, inspirando assim ações e mudanças significativas rumo a um futuro mais sustentável (Clube de Roma, 2024).

Dessa reunião surgiu o seminário: Arte e Meio Ambiente: diálogos necessários organizados pelo Capítulo Argentino do Clube de Roma. Entre agosto e setembro de 2024, tivemos uma oportunidade autenticamente maçônica (não porque todos os palestrantes fossem maçons, mas sim porque éramos uma minoria minúscula) no Museu de Arte Contemporânea de Buenos Aires (MACBA) para reunir os dispersos, artistas, cientistas, pensadores, para debater o surgimento de um novo ethos. Podíamos sentir a *emoção* do significado, ou de sua busca, ou de sua construção, no diálogo.

A apresentação do seminário, cujo registro audiovisual completo estará disponível online em breve, dizia:

Este seminário, coproduzido pelo MACBA e pelo Clube de Roma - Argentina, convida você a explorar um caminho onde arte, ciência e ecologia se entrelaçam para repensar nosso lugar no planeta. Uma exploração aprofundada da relação entre arte, ecologia e pensamento sistêmico, com foco em encontrar soluções inovadoras para os desafios ambientais atuais. Por meio da análise do trabalho de pioneiros como Nicolás García Urriburu, cruzada com as mais recentes pesquisas no campo da ciência do clima e biomimética, os participantes adquirirão uma compreensão abrangente de como a arte pode catalisar mudanças sociais e transições no processo. Mergulhamos na arqueologia do pensamento ecológico até o presente. Vamos descobrir como artistas, cientistas e pensadores estão reinventando nosso vínculo com a Terra, desde a restauração dos ecossistemas

e da energia solar até o surgimento de um novo ethos que determina a práxis e os hexis (CLUBE DE ROMA – MACBA, 2024).

Do século XIV ao século XXI, a tradição permanece inalterada, exceto imutável como o rio de Heráclito: a vanguarda.

7. Vanguarda, agência e produção

A última geração foi uma geração de oradores; que a atual é de produtores autênticos, de homens de ação, de trabalho social. E de ação de muitas maneiras. A literatura, emergindo das sombras da fantasia, tomará forma e, na realidade, será uma forma de ação; não será mais; um entretenimento de alguns indivíduos ou de alguns preguiçosos, mas a voz do povo que fala com o povo.

Essas palavras de Jules Michelet, pronunciadas no Collège de France em 1848 (De Micheli, 2005), são relevantes para compreender o que entendemos por vanguarda, em geral, e especialmente ao se referir à tradição maçônica, e adquirem um valor ainda mais importante devido ao contexto social em que foram faladas.

Se há algo que caracteriza a vanguarda, é sua aspiração de realizar uma produção autêntica que gere impacto no contexto sociocultural em que emerge. A preeminência não está apenas nas formas, mas nas coisas (De Sanctis, 1940). As formas deixam de ser consideradas como ideias (tecnicamente nunca são) e passam a ser como coisas. A ação vanguardista é sustentada pelas próprias coisas, como coisas. Com uma intenção precisa: ação.

A Maçonaria adotou um sistema metafórico complexo de caráter bastante arquitetônico. No entanto, podemos pensar que uma tradução correta que torna seu significado contemporâneo acessível seria a palavra *engenheiro*.

A engenharia utiliza uma infinidade de conhecimentos e métodos científicos das ciências básicas. Mas o que define é a produção de algo, de uma coisa concreta, e seus processos de realização e resultados são avaliados não de acordo com os

critérios da lógica formal (verdadeiro/falso), mas sim como a execução de uma série de processos e a realização de uma obra razoável.

O olhar da engenharia (entendido dessa forma, por meio da tradução) corresponde à demanda do poeta Arthur Rimbaud: temos a obrigação de ser modernos. Muito em breve veremos que nem isso é suficiente; Temos realmente a obrigação de ser contemporâneos.

Uma produção concreta e eficaz, de impacto social, de espírito contemporâneo poderia quase definir *tout court* (quase como uma épica fenomenal de todas as *Old Charges* e das que viriam) tanto para o método e o papel quanto para a razão de existir desta maravilhosa sociedade iniciática. O uso da palavra "maravilhosa" não responde ao acaso.

Como mencionamos antes, existe uma tradição vanguardista que caracteriza, se não define, a Maçonaria. Outro aparente oxímoro. Deixe a Maçonaria se virar.

O desafio de ser sempre contemporâneo foi enunciado por muitos pensadores, de Nietzsche a esta parte: "De Nietzsche vem até nós uma primeira indicação provisória, para guiar nossa busca por uma resposta. Em uma nota de seus cursos no Collège de France, Roland Barthes resume a situação da seguinte forma: "O contemporâneo é o intempestivo" (Agamben, 2011).

A verdade é que não somos contemporâneos da maioria dos nossos contemporâneos. Certamente não somos seguidores de um grande número de pessoas que habitam paradigmas culturais que há muito tempo desapareceram.

Somos verdadeiramente contemporâneos quando nossa *disposição* está com os olhos voltados para um futuro que é sempre presente. Um futuro que está chegando. Vendo, pensando e agindo com agilidade e de forma razoável, com consciência alerta para nossa inevitável finitude. Mas se, como indivíduos, tivermos que morrer com uma transitoriedade que faz a "faísca entre dois nada" empalidecer, a perspectiva e a disposição de trabalhar mudam completamente quando pensamos na bela metáfora de Bernardo de Chartres, que Isaac Newton tanto gostava, que estava tão ligado ao estudo das sociedades iniciáticas, à Royal Society, e à Maçonaria: "Somos anões nos ombros de gigantes". A ideia, repetida por Newton, Umberto Eco e tantos outros, segundo a qual, mesmo sendo pequenos, podemos enxergar além porque estamos sobre os ombros monumentais da tradição do conhecimento que nos precede, pode ser uma

imagem formidável da cadeia de união em um sentido diacrônico, e é claramente uma metáfora que descreve o progresso científico, tecnológico, e enriquece o trabalho artístico.

É tudo uma questão de timing. A nomeação no início de *A Montanha Mágica* (MANN, 2005) é inevitável, aquela obra monumental em que o maçom italiano Ludovico Settembrini e o jesuíta alemão Leo Naphta contestam "a alma" do jovem Hans Castorp; uma obra muito extensa, cheia de intertextualidades e uma profundidade surpreendente por não ser suficientemente conhecida entre os maçons. Referindo-se à viagem de trem que levará a Castorp, o texto diz:

Dois dias de viagem levam o homem ainda mais longe – e ainda mais ao jovem cujas raízes frágeis ainda não se firmaram na existência – em seu universo cotidiano, em tudo aquilo que ele considerava seus deveres, interesses, preocupações e esperanças (...) O espaço que, girando e fugindo, está entre ele e seu ponto de origem, desenvolve forças que se acredita serem reservadas para o tempo. Hora após hora, o espaço cria transformações internas muito semelhantes às causadas pelo tempo, mas que, de alguma forma, superam essas transformações.

8. A fraternidade intraduzível

CAIM: (...) Eu não entro no tabernáculo. Não, senhor. A cabana é privada.

ABEL: Privado de luz. Nem uma janela, nem uma faixa.

CAIM: Menos insegurança. Nunca faltam ladrões. As relíquias precisam ser protegidas. O santuário.

ABEL: O adorno protege o fardo.

CAIM: O capitalzinho. E daí? O capitalzinho é sagrado. Uma relíquia (...)

ABEL: Não me venha com essa bobagem de "dia de descanso", você passa o domingo inteiro construindo um muro de entulho. Entulho sobre entulho.

Caim: Eu marco! Eu meço e marco. E eu delimito o que pertence a um e o que pertence ao outro. O que é teu e o que é meu. Isto não é trabalho, isto é honrar o Pai: eu marco o que é meu.

Propriedade divina. Tu, por outro lado, deliberadamente sacrílego (...)

ABEL: Propriedade... A palavra não sai de sua boca.

CAIM: Agora ele também é cabalista. Pare de estudar meus termos e saia da propriedade até o anoitecer. Vá vagar pelo bairro como um besouro-touro. Nós dois nunca nos demos bem.

ABEL: Deveríamos. Porque essa é a primeira lei. Somos irmãos.

CAIM: Eu não invado propriedades. É preciso respeitar as paredes divisórias. Privacidade sagrada (...) eu sou um desses, um livre pensador.

ABEL: A linha divisória está vazia! O terreno inteiro está vazio. Você e eu estamos sozinhos neste terreno sem fim.

CAIM: Sou um ladrão por pular uma cerca?

ABEL: Se você fizesse a cerca...

CAIM: Não me confunda com paradoxo.

ABEL: Quem vai dizer alguma coisa?

CAIM: Algo pertence a alguém.

ABEL: Nada pertence a ninguém.

Ao transcrever este fragmento da peça *Terrenal* (Kartun, 2014), me pergunto o quão compreensível será para um leitor que não seja do Rio da Prata. O texto não tem didascália, mas quando Caim diz "eu delimito o que pertence a um e o que pertence ao outro", o ator sacode o braço direito com força, como uma barreira que sobe e desce em grande velocidade, como quem diz: "pare, até aqui".

Fraternidade tem essa coisa incompreensível; em princípio, os irmãos se matam: Caim e Abel, Rômulo e Remo, a lista é longa. Habitar a fraternidade é tão árduo quanto habitar o método simbólico. Um quer o seu, o próprio, privado. Nesta obra, Caim disputa com Abel sobre um muro que separa um deserto sem fim de um igualmente ilimitado: o próprio vazio do absurdo.

Assim como precisamos compreender símbolos em conceitos, parece uma tendência ancestral delimitar; em ambos os casos, possuir. Conceito significa exatamente isso em suas origens: agarrar, entender (Corominas; Pascual, 1992).

O que Cain faz, em um gesto cego de ganância, é estabelecer *Marcos* que apenas delimitam algo em sua mente igualmente limitada. Ele habita a terra mais árida e vive a fantasia mais febril, que leva à morte *do outro*.

Tive a alegria de discutir com Barbara Cassin minha versão alemã de um texto de Heidegger. Na época, eu não sabia que teria que traduzir do francês o prólogo que Cassin escreveu com Alan Badiou: "(...) Heidegger é certamente um grande filósofo, que

também foi um nazista muito comum. É assim que as coisas são. Deixemos que a filosofia lide com isso! (...)” (Cassin; Badiou, 2008).

Conheci um irmão que era um fervoroso apoiador dos Landmarks de Mackey (o homem que escreveu que *seus Landmarks* eram imutáveis. Ele não disse que eram porque eram *dele*, mas na ausência de evidências em contrário, isso pareceria ser o caso). Um dia, nosso irmão, que a cada sessão parecia ter acabado de chegar do chá com Pitágoras, foi atropelado por um carro; um acidente que causou múltiplas fraturas. Quando estava em posição de retornar, apresentou-se à loja de muletas, fervorosamente preso a outro conjunto de *landmarks* e, acima de tudo, muito mais razoável. Parafraseando Cassin e Badiou: existe um clericalismo maçônico. É assim que é. Deixe a Maçonaria se virar! (Sfriso, 2013). Exceto que cabe a nós fazê-lo.

Régis Debray dedicou um ensaio fascinante à Fraternidade, no qual destaca não apenas a falta de compreensão do terceiro termo da tríade da República Francesa em 1848, mas também seu desaparecimento gradual e silencioso do discurso público. A Fraternidade é cada vez menos discutida em favor da liberdade e da igualdade, que continuam a ter seu coro de adeptos.

Aqui também arte, ciência e maçonaria podem apertar as mãos em um propósito comum, que foi incorporado séculos atrás no lema da *Royal Society*, cuja grande maioria dos membros também se reuniu para dar origem à primeira Maçonaria especulativa: *Nullius in Verba*; isto é, *segundo a palavra de ninguém* ou melhor traduzido: o logos não pertence a ninguém; Isso significa laicismo: que pertence ao povo, à comunidade, assim como o clero vem do grego κληρος, lote, terreno, herança.

A fraternidade é inalcançável e muitas vezes não praticada porque implica entender que, em um mundo contemporâneo em que as chamadas grandes narrativas (deus, estado, soberano, etc.) caíram, as pessoas são chamadas a *construir* um sentido *razoável*, tanto intelectual quanto existencial. É a aspiração a uma filiação comum, mas sem um Grande Pai ou uma Grande Mãe e, esperançosamente, sem uma Grande Coisa. Essa aspiração maçônica sustenta toda a estrutura, que de outra forma seria completamente incompreensível. Uma espécie de transcendência imanente, em relação ao outro, com quem trilhamos o caminho da vida e com quem aspiramos dar sentido à nossa existência.

As artes, as ciências, não conhecem fronteiras; nem a tecnologia, assim como tsunamis ou incêndios florestais. A fraternidade é uma das aspirações políticas e existenciais mais utópicas e belas. Nas palavras de Debray: “*Une vie à la première personne du singulier est un vie mutilée*” [Uma vida em primeira pessoa do singular é uma vida mutilada].”⁴

9. Sacrifício

É tudo questão de tempo, e esse trabalho está acabando, mesmo com o gosto agriço que muito pouco foi dito.

Não pretendemos apenas lembrar um homem excepcional, filantropo, intelectual, arquiteto da União Nacional, mas, acima de tudo, manter seu espírito vivo por meio de ações concretas, inspiradas pelo caminho que traçou para nós: o do compromisso com nossos concidadãos (...) com as ferramentas para enfrentar os desafios de um futuro em transformação permanente (...) que estes textos, que falam do passado, deixem um forte apetite pelo futuro (Lázaro, 2021).

Essas palavras do nosso Grão-Mestre são reconfortantes de muitas maneiras: primeiro, porque dizem muitas verdades de forma curta: não consigo pensar em uma definição melhor para conceituar o espírito contemporâneo de que falávamos do que esse *apetite pelo futuro*; e porque são pronunciadas por um engenheiro, o primeiro a alcançar a presidência da Maçonaria Argentina, que é, além disso, o Grão-Mestre mais jovem da nossa história. Claramente, Lázaro, que é engenheiro, diz *mutatis mutandi* a mesma coisa que, aludindo a Heidegger e outros, defendíamos sobre a tradução: é o espírito que precisamos manter vivo, não a mera literalidade. Novamente, aqui, a vanguarda. Foram anos de pandemia. A Maçonaria Argentina não parou (e eu diria até intensificou) seu trabalho (promulgação da lei de educação ambiental, seminários sobre cultura digital, treinamento de formadores em todo o país, painéis sobre saúde mental e uma longa e variada etcétera). Retomando

a Lázaro: “O apoio e a disseminação da ciência, da cultura, a recuperação da nossa melhor tradição (...)” E as palavras de Lázaro não eram metáfora; foram escritos no 150º aniversário da morte de José Roque Pérez, nosso primeiro Grão-Mestre, que morreu tomando a heroica decisão de permanecer no sul da cidade de Buenos Aires durante a epidemia de febre amarela que dizimou a cidade e mudou para sempre sua fisionomia. Enquanto Roque Pérez coordenava o cuidado dos doentes, outro grande maçom, outro vanguardista, outro Grão-Mestre, Domingo Faustino Sarmiento, espalhava pela República bibliotecas, ferrovias, observatórios astronômicos, escolas e academias de ciências.

Lázaro alude a uma enorme vanguarda da Maçonaria Argentina, mais que centenária, e faz isso em um contexto de vanguarda da Maçonaria Argentina do século XXI.

O fato de nossa instituição ter conseguido se manter com uma atividade tão intensa, há quatro anos e há 150 anos, mostra, mais uma vez, que existe uma *tradição de vanguarda*, embora soe como um oxímoro. E que seu espírito é, como no caso das ciências e das artes: de trabalho concreto, de agência social e com vista para o futuro.

Quase sinto que um círculo se fecha se eu digo que as palavras de Lázaro foram possíveis graças ao fato de que, há cerca de trinta anos, um grupo de maçons tomou a decisão de se reunir, após longos parênteses de ditaduras e democracias fracas, de 1930 a 1983, para voltar a fazer o que nós, maçons, periodicamente fazemos: reunir os dispersos para reviver o espírito simbólico que repousa sobre a pedra mais incompreendida e, ainda assim, a mais firme.

Talvez curiosamente, esse grupo de maçons decidiu dar ao seu espaço o nome de *Fraternidade*. Borges diria que foi um grupo de homens que tomou a decisão de ser razoável.

Gostaria de terminar com uma afirmação, seguida de uma pergunta, cheia de beleza. Corresponde ao *Quarteto de Alexandria* (Durrell, 2012) e a tradução feita por Aurora Bernárdez é tão bela que escolho deixá-la em espanhol: “*En algún lugar, en el corazón de la experiencia, hay un orden y una coherencia que podríamos sorprender su fuéramos más amantes, más pacientes o más atentos: ¿Tendremos tiempo?*”

A maçonaria, teimosa, otimista e vanguardista por tradição, responderá com um grande Sim.

⁴ Notre traduction.

Nas palavras do nosso Grão-Mestre, que possamos, apoiados nos ombros de gigantes, manter viva a chama alegre do trabalho de concreto para uma sociedade mais gentil, mais paciente, mais justa e mais atenta. Mais fraternal.

Que esse anseio por um futuro comprometido nos mantenha engajados no diálogo dentro dessa prática metódica e vanguardista, um ponto de encontro para uma conversa ampla, como afirma o subtítulo desta obra. Assim, para que permaneçamos relevantes.

Bibliografia citada:

AA.VV (2024) La Tierra para todos. Una guía de supervivencia para la humanidad. Un informe para el club de Roma.

AGAMBEN, Giorgio (2011) Adriana Hidalgo editora.

BAILLY, Anatole (2015) Dictionnaire Grec-Français. Le Grand Bailly. Hachette.

CASSIN, Barbara - BADIOU, Alain (2008) Sobre la correlación creativa entre lo Grande y lo Pequeño. En HEIDEGGER, Martin (2008) ¡Alma mía! Manantial.

CLUB DE ROMA, CAPÍTULO ARGENTINO (2024). "Presentación teatral de La Tierra para todos" en el MACBA". Disponible en: <https://www.clubderoma.org.ar/post/presentaci%C3%B3n-teatral-de-la-tierra-para-todos-en-el-macba>

CLUB DE ROMA – MACBA (2024). "Arte y Ambiente: diálogos necesarios" Coordinación: Javier J. Vázquez. Dirección artística: Sebastián Sfriso.

CORBIÈRE, Emilio J. (2011) La Masonería. Política y sociedades secretas. Editorial Sudamericana.

COROMINAS, Joan - PASCUAL, José (1992) Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico. Gredos.

DEBRAY, Régis (2009) Le moment fraternité. Gallimard.

DE CUSA, Nicolás Opera omnia. Meiner, Leipzig.

DE MICHELI, Mario (2005) Le avanguardie artistiche del Novecento. Feltrinelli.

DE SANCTIS, Francesco, (1940) Opere complete. Corcese.

Durrell, Lawrence. (2012) Cuarteto de Alejandría. Edhasa.

FERRER BENIMELI, José A. (1974) Bibliografía de la masonería. Fundación Universitaria Española.

FERRATER MORA, José (2009) Diccionario de filosofía. Nueva edición actualizada por la Cátedra Ferrater Mora. Ariel.

FRANKFURT, Harry G. (2005) On bullshit. Princeton, N.J. : Princeton University Press.

HEIDEGGER, Martin (2008). Manantial.

HUNTER, Frederick M. 33° (1952) A Study and an Interpretation of The Regius Manuscript. The Earliest

Masonic Document. The Beginnings of Anglo-Saxon Masonry and Masonic History as an Ever-widening Road to Freedom. Published Under the Authority of The Grand Lodge of A.F.&A.M. of Oregon by Research Lodge of Oregon, No. 198, A.F.&A.M. and McKenzie River Lodge No. 195, A.F.&A.M.

KARTUN, Mauricio (2014) Terrenal. Pequeño misterio ácrata. Atuel.

KÖLER, Andrea (2018) El tiempo regalado. Un ensayo sobre la espera. Libros del asteroide.

KRISTEVA, Julia (1969) Le mot, le dialogue et le roman. Seuil.

LÁZARO, Pablo (2021) Archivo de la Gran Logia de Argentina.

MANN, Thomas (2005) La montaña mágica. Edhasa.

ONCINA, Fasutino (2010) Palabras, conceptos, ideas. Estudios sobre historia conceptual. Herder.

ROBINSON, Richard (1953). Platos Earlier Dialectic. Oxford University Press.

QUIROGA, Juan - SMART, Ángeles (2015). "Fundación Bariloche: vigencia del Modelo Mundial Latinoamericano (1970) cuatro décadas después" presentado en las IX Jornadas Latinoamericanas de Estudios Sociales de la Ciencia y la Tecnología.

ROMERO, F. - PUCCIARELLI, E. (1941) Lógica. Espasa – Calpe Argentina.

SHAKESPEARE, William (1993) Measure for Measure. En The Yale Shakespeare, The Complete Works. Barnes & Noble, Inc, by arrangement with Yale University Press.

SFRISO, Sebastián (2013) Clericalismo masónico. Ponencia presentada en el XIV Congreso Nacional del Simbolismo. Archivo de la Gran Logia de Argentina.

O ESQUADRO, O COMPASSO E O CÉREBRO: Uma análise da ritualística maçônica à luz da Neurociência

Jorjan de J. Cruz ¹

Resumo:

Este artigo investiga a ritualística maçônica sob a ótica da neurociência contemporânea, buscando compreender de que modo, enquanto linguagem simbólica, sensorial e moral, atua sobre os mecanismos cognitivos, emocionais e éticos do cérebro humano. Partindo de uma abordagem interdisciplinar que integra neurociência, filosofia e antropologia, demonstra que os rituais maçônicos mobilizam redes neurais complexas ligadas à atenção, memória, empatia e tomada de decisão moral. Cada elemento ritualístico, o silêncio, o gesto, a luz, a música e o símbolo, é reinterpretado como estímulo cognitivo intencional, capaz de gerar estados mentais de foco, coerência e transcendência. Mostra também que a repetição ritualística favorece a plasticidade sináptica, transformando comportamentos éticos em hábitos automáticos; que a sincronia coletiva promove liberação de endorfinas e oxitocina, fortalecendo vínculos fraternos; e que o aprendizado simbólico se estrutura pelo mecanismo neurobiológico do erro e da descoberta. Ao dialogar com pensadores como Aristóteles, William James, Durkheim e Victor Turner, o estudo revela a convergência entre filosofia moral e biologia da mente: a virtude pode ser, de fato, um hábito — e esse hábito tem base neural. Assim, a Maçonaria surge não apenas como tradição espiritual, mas como sofisticada pedagogia neuro-ética, capaz de harmonizar razão e emoção, ciência e transcendência, no processo contínuo de lapidação do homem integral.

Palavras-chave: Maçonaria; Neurociência; Ritual; Filosofia; Ética; Empatia; Plasticidade cerebral.

Abstract:

This paper examines Masonic rituals from the perspective of contemporary neuroscience, aiming to understand how ritual — as a symbolic, sensory, and moral language — affects the cognitive, emotional, and ethical mechanisms of the human brain. Drawing on an interdisciplinary framework that integrates neuroscience, philosophy, and the anthropology, it argues that Masonic rituals engages complex neural networks related to attention, memory, empathy, and moral decision-making. Each ritual element — silence, gesture, light, music, and symbol — is reinterpreted as an intentional cognitive stimulus capable of create mental states of focus, coherence, and transcendence. Findings suggest that ritualistic repetition enhances synaptic plasticity, turning ethical behavior into automatic habit; that collective synchrony triggers endorphin and oxytocin release, strengthening fraternal bonds; and that symbolic learning operates through the neural mechanism of prediction error and discovery. In dialogue with philosophers such as Aristotle, William James, Durkheim, and Victor Turner, the study reveals a convergence between moral philosophy and brain biology: virtue may be, indeed, a habit — and that habit has a neural basis. Freemasonry thus appears not merely as a spiritual tradition, but as a sophisticated form of neuroethical education, harmonizing reason and emotion, science and transcendence, in the continuous process of shaping the integral human being.

Keywords: Freemasonry; Neuroscience; Ritual; Philosophy; Ethics; Empathy; Brain plasticity.

¹ Médico, especialista em Ginecologia com ênfase em Cirurgia Minimamente Invasiva e Endoscopia Ginecológica. Especialista em Uroginecologia e Cirurgia Pélvica Reconstructiva pela UNIFESP/Escola Paulista de Medicina. Mestrado em Princípios da Cirurgia pelo HUEM/FEMPAR. Email: jorjancruz@gmail.com

Introdução

Nós, maçons, sabemos que a força de um Rito não está apenas no que se diz, mas no que se vive. A pergunta é: por que isso funciona tão bem? O que acontece no cérebro quando adentramos ao Templo, quando nos sincronizamos estando à Ordem ou quando um símbolo nos estimula intelectualmente? A Neurociência, esse mapa da mente em contínua expansão, oferece chaves úteis para interpretar e tentar entender tais efeitos sem profanar seu sentido. Não se trata de reduzir o Tradicional (ou até Sagrado) ao nível sináptico, mas de entender como o sináptico pode a estes contribuir. Há um ponto fascinante em observar os rituais maçônicos à luz da Neurociência: eles não são apenas tradições herdadas ou meras encenações teatrais, mas podem ser considerados verdadeiros “dispositivos cognitivos” construídos ao longo de séculos. Quando falamos em ritualística, estamos tratando de um fenômeno que toca simultaneamente a emoção, a atenção, a memória, a linguagem, a percepção do espaço e até mesmo a nossa fisiologia corporal. Assim, analisá-los sob a ótica neurocientífica não significa esvaziá-los de sua dimensão grupal, espiritual ou simbólica, mas reconhecer que sua eficácia depende também de mecanismos humanos comuns a todos, os mesmos mecanismos que a ciência do cérebro vem desvendando.

Em primeiro lugar, há um argumento prático: compreender como a ritualística atua na mente pode tornar a vivência ritual ainda mais rica. É importante saber que o silêncio no Templo não é apenas formalidade, mas um gatilho de atenção que organiza as redes neurais e ajuda a valorizar cada detalhe e do mesmo modo, entender que a repetição rítmica de palavras e gestos favorece a consolidação de memórias e confere consciência ao processo de ensino maçônico. A Neurociência, nesse sentido, funciona como uma grande lente que amplia os detalhes e nos mostra o quanto cada gesto é carregado de função neuropedagógica. Em segundo lugar, há uma motivação filosófica. A Maçonaria, desde a origem da sua fase especulativa, buscou integrar saberes diversos: ciência, filosofia, moral e espiritualidade. Olhar para os rituais com a lente da Neurociência é, de certa forma, continuar essa tradição de diálogo, reconhecendo que o homem é ao mesmo tempo corpo, mente e espírito e que o estudo do cérebro pode iluminar a dimensão simbólica, sem reduzi-la. Tal perspectiva impede que a ciência se torne um dogma ou que o rito se

torne superstição, pois ambos se enriquecem mutuamente. Por fim, há um motivo humano e existencial. Os rituais maçônicos são experiências vividas. Eles nos transformam não apenas porque contêm mensagens éticas, mas porque mexem conosco por inteiro. Ao nos engajarmos em uma Sessão, nosso sistema nervoso responde: libera substâncias, ajusta a atenção e grava memórias. Ignorar esse aspecto seria como analisar uma sinfonia apenas pela partitura, sem ouvi-la ou sentir as emoções que em nós desperta. A neurociência nos convida a escutar a sinfonia cerebral que em nós ecoa enquanto vivemos a nossa prática ritualística.

Portanto, a razão de olhar para a ritualística maçônica com lentes da Neurociência é tripla: prática (para enriquecer a experiência), filosófica (para dialogar entre os saberes e entendê-los) e existencial (para compreender a profundidade do que vivemos). Essa abordagem não tira a sacralidade do rito; ao contrário, revela como ele está enraizado em nossa condição fisiológica, mostrando que a tradição e a ciência podem, juntas, lançar ainda mais luz sobre o maravilhoso mistério que é ser um Iniciado. A proposta deste artigo é percorrer alguns dos mecanismos cognitivos e neurobiológicos que ajudam a explicar por que a ritualística maçônica é tão eficaz na formação de caráter, na coesão fraterna e na transmissão de valores.

O Rito e o Símbolo sob a Perspectiva do Cérebro

A ritualística maçônica é, antes de tudo, uma linguagem. E como toda linguagem, ela atua sobre o cérebro por meio de códigos sensoriais, simbólicos e emocionais. Quando analisamos um ritual sob a perspectiva neurocientífica, percebemos que cada palavra, gesto e disposição espacial tem o potencial para ativar redes neurais específicas, promovendo atenção, estímulo da memória, aprendizado e transformação interior. Um ritual nada mais é do que uma atividade pedagógica codificada e o cérebro é o grande intérprete.

Um símbolo, na tradição maçônica, é um instrumento para aprimoramento intelectual e ensino ou estímulo moral. Na neurociência cognitiva, ele pode ser compreendido como um estímulo multissemântico, isto é, um sinal capaz de ativar simultaneamente múltiplas áreas cerebrais, conectando memória, emoção e percepção sensorial (Kandel; Schwartz; Jessell, 2013). Ao ver um compasso e um esquadro, por exemplo, o cérebro não processa apenas a forma geométrica: ele ativa o hipocampo (memória contextual), o córtex temporal

inferior (reconhecimento de objetos), o córtex pré-frontal medial (atribuição de valor moral) e o sistema límbico (resposta emocional) (Ledoux, 2003). É por isso que um símbolo maçônico não é isento de sentido, mas possui um valor emocional e neurosensorial, produzindo uma experiência de sentido que transcende o racional. Essa convergência entre cognição e emoção explica por que o ensino através de símbolos é mais eficaz do que o ensino meramente expositivo. Segundo Damasio (2010) (Damasio, 2010), os símbolos geram marcadores somáticos: padrões fisiológicos que associam ideias a emoções. Assim, quando o Maçom vê as Colunas B e J, por exemplo, não apenas lembra um conceito; ele sente algo (mesmo que não o perceba), e esse sentimento reforça uma lembrança e o comportamento a ela correspondente, e a ritualística, ao incorporar símbolos visuais, táteis e auditivos (sinais, toques e palavras), cria um ambiente de estimulação contínua, o que na Neuropedagogia é conhecido como aprendizado multissensorial. Pesquisas mostram que quanto mais sentidos são envolvidos, mais fortes são as conexões sinápticas e mais duradoura é a memória por estes consolidada (Hams, 2008). Então, todo o conjunto simbólico maçônico não transmite informação apenas por palavras, mas por metáforas encorporadas (o que George Lakoff e Mark Johnson chamaram de *embodied metaphors*) (Lakoff; Johnson, 1980). Em resumo, o cérebro não o entende apenas como uma ideia abstrata: ele a encena internamente, ativando circuitos motores e sensoriais como se estivesse realizando a ação. Quando o aprendiz ouve que deve “lapidar sua pedra bruta”, o cérebro ativa áreas do córtex motor e somatossensorial, simulando em seu imaginário a experiência física de golpear a pedra, mesmo sem fazê-lo. Essa simulação neural cria uma ponte entre conceito e ação, transformando o conceito do aprendizado simbólico em aprendizado incorporado. Estudos com imagens de neuro-ressonância funcional mostram que a simples imaginação de um ato motor ativa redes cerebrais similares à execução real (Jeannerod, 1995).

Essa descoberta vai de encontro com a filosofia aristotélica, segundo a qual o conhecimento moral depende da prática repetida até tornar-se um hábito (Aristóteles, 2009). A Maçonaria, ao usar metáforas provenientes da construção, incita o iniciado a internalizar o gesto e o valor simultaneamente. Assim, a ideia de “desbastar as arestas” é mais do que compreender uma ideia: é

reprogramar circuitos neurais para a autotransformação. Além disso, as metáforas visuais e orais dos rituais funcionam como estruturas cognitivas de compressão dos significados simbólicos. Elas condensam múltiplas camadas de informação (histórica, ética e filosófica) em uma única imagem ou ação. Essa compressão favorece o armazenamento e, principalmente, a recuperação da memória: ao evocar um símbolo, o cérebro expande novamente o conjunto de significados por ele associados, como se abrisse um arquivo compactado.

Sob esse prisma, Rituais são linguagens de corpo e mente em sincronia. Diferente de uma aula teórica ou de uma leitura, eles não apenas transmitem ideias, mas modelam estados neurofisiológicos. Cada postura, deslocamento, gesto e tom de voz provoca ajustes em redes sensoriais, motoras e autonômicas, configurando o que percebe-se como a totalidade da experiência. As neurociências do comportamento social mostram que a aprendizagem motora e a aprendizagem simbólica compartilham os mesmos substratos neuronais. Em especial, o cerebelo e os gânglios da base participam tanto da aquisição de sequências motoras quanto da internalização de sequências simbólicas (Graybiel; Kubota, 2003). Isso explica por que, após anos de prática, o Maçom executa as cerimônias e os cargos quase automaticamente, mas sem perder o sentido simbólico, pois a prática ritualística reconfigura o cérebro pela plasticidade oriunda da repetição. Do ponto de vista fisiológico, o corpo torna-se uma cópia viva do ritual. O sistema nervoso autônomo responde ao ambiente (luz reduzida, silêncio, música) com redução da frequência cardíaca, aumento da coerência respiratória e ativação de redes neurais, o que induz um estado de calma vigilante e foco (Sezer; Sacchet, 2025). Esse estado otimiza a atenção e a receptividade, permitindo que o iniciado absorva melhor as lições simbólicas.

Quando um obreiro adentra ao Templo algo muda, não apenas no ambiente externo, mas também em sua neurofisiologia. O ambiente torna-se mais introspectivo, os sons diminuem, a luz se torna mais direcionada, o corpo assume uma postura específica. Tudo isso não é mera etiqueta cerimonial: é uma modalidade prática de engenharia cognitiva. A ritualística, intuitivamente, reproduz mecanismos que a neurociência moderna identifica como os mais eficazes para fixar atenção, gerar emoção significativa e consolidar memória. Nesse

sentido, o Templo Maçônico é também um ambiente ideal do ponto de vista neuropedagógico: ele silencia distrações externas, estimula os sentidos de forma controlada e cria um campo emocional no qual o aprendizado simbólico é gravado de maneira duradoura.

A atenção é o primeiro portal para a aprendizagem. Neurocientificamente, ela depende de um delicado equilíbrio entre os sistemas noradrenérgico (alerta) e colinérgico (foco) (Aston-Jones; Cohen, 2005). Quando entramos em um ambiente de silêncio solene, o locus cerúleo, estrutura do tronco cerebral que regula a liberação de noradrenalina ajusta-se, reduzindo o ruído mental e direcionando a energia cognitiva para os estímulos mais relevantes (Sara, 1995). Os rituais maçônicos, com suas pausas, gestos específicos e linguagem formal, criam eventos nos quais o cérebro reconhece que “isto é importante” e aloca mais recursos neurais. Estudos de neuro-ressonância magnética mostram que mudanças sutis de ambiente e tom de voz podem modular a atividade do córtex pré-frontal dorsolateral e do cíngulo anterior, regiões do controle da atenção (Corbetta; Shulman, 2002).

O silêncio, nesse contexto, atua como uma moldura. Ele não é ausência de som, mas uma incorporação estruturada da atenção, pois regula o ciclo entre estímulo e pausa, permitindo que o cérebro processe o significado antes de receber nova informação. Assim, cada palavra ritualística entra não como ruído, mas como informação adequadamente colocada. Em termos práticos, os rituais criam um estado de contínua atenção plena induzida, comparável ao que se obtém nas práticas meditativas: redução do fluxo de pensamentos dispersos, aumento da coerência e atenção no córtex cerebral e maior sincronização das ondas cerebrais alfa e teta (Tang; Hölzel; Posner, 2015).

Se a atenção abre a porta, a emoção é a cola que fixa a memória. Experiências que são carregadas de sentimento ativam o sistema límbico, especialmente a amígdala, que atua como amplificador emocional da memória episódica. Quando a amígdala é ativada em sincronia com o hipocampo, as conexões sinápticas se tornam mais duráveis, fenômeno conhecido como potenciação de longo prazo (*long term potentiation* - LTP) (McGaugh, 2000). Nos rituais maçônicos, as emoções despertadas (reverência, senso de fraternidade e pertencimento) formam um cenário ideal para o aprendizado. Cada símbolo apresentado

em um contexto de valor emocional positivo (isto é, acompanhado de significado) é gravado de maneira mais estável. Isso ocorre porque a amígdala sinaliza ao hipocampo que aquele evento tem valor e importância e deve ser priorizado no armazenamento de longo prazo (Maren, 2004). Além disso, a emoção modula neurotransmissores como dopamina e serotonina, responsáveis por reforçar o prazer e o senso de propósito. A dopamina, liberada no núcleo accumbens e no córtex pré-frontal, está diretamente ligada à motivação intrínseca e ao prazer de compreender (Schultz, 2007). Quando um Irmão percebe ou aprende o significado oculto de um símbolo, essa pequena “recompensa” cerebral reforça o desejo de seguir estudando, e a ciência confirma: eventos emocionalmente marcantes podem ser lembrados com até 40% mais precisão após longos períodos, em comparação com informações neutras (CAHILL; McGaugh, 1998). Por isso, a ritualística não é apenas um protocolo a ser seguido, é um completo teatro pedagógico que ensina pelo sentir repetidas vezes.

Aliás, repetir é o segredo da consolidação. O cérebro precisa revisitar informações em intervalos adequados para transferi-las da memória de trabalho (curto prazo) para a memória de longo prazo, processo mediado pelo hipocampo e pelo neocórtex (Squire; Zola-Morgan, 1991). Cada sessão ritualística atua como uma sessão de repetição espaçada, conceito amplamente estudado na neuropedagogia. Essa técnica potencializa a reconsolidação da memória: a cada repetição, o traço mnemônico é reativado e fortalecido, tornando-se mais resistente ao esquecimento (Karpicke; Roediger III, 2007). A Ordem, ao repetir instruções, gestos e palavras ao longo dos graus, aplica intuitivamente o que hoje se sabe sobre neuroplasticidade vinculada à prática. Essa repetição, longe de ser apenas um ato monótono, funciona como um refinamento de conexão sináptica. As conexões mais utilizadas tornam-se mais rápidas e eficientes, enquanto as irrelevantes são eliminadas. Esse fenômeno é descrito por Kandel (2009): a repetição de experiências significativas aumenta a síntese de proteínas sinápticas (neurotransmissores), consolidando circuitos específicos. O ritual, portanto, é uma grande ginástica neuronal: repete-se o gesto e, junto com ele, consolida-se o valor.

Como um tempero inteligentemente colocado, nada captura tanto a atenção quanto o inesperado. Mas, para que ensine de uma forma

eficaz, o elemento-surpresa deve ser controlado, não caótico. A neurociência chama esse princípio de *salience prediction error*, o erro de predição que faz o cérebro reajustar seus modelos internos (Redgrave; Gurney, 2006). Durante uma Iniciação (ou uma mudança de grau), pequenas quebras de expectativa despertam o sistema dopaminérgico mesolímbico, que reage positivamente ao novo significativo. Essa ativação é crucial para o aprendizado, pois a dopamina sinaliza “atenção: há algo a descobrir”. Karl Friston (2010) descreveu esse mecanismo como o princípio da energia livre, segundo o qual o cérebro busca constantemente reduzir a diferença entre o que espera e o que percebe. O ritual, ao introduzir “surpresas” graduais, mantém o cérebro engajado, curioso e em estado de leve desequilíbrio criativo, um terreno ideal para o crescimento intelectual e espiritual que ensina pela expectativa: ele não entrega o segredo de uma só vez, mas o distribui em fragmentos, para que cada Irmão entenda o conceito a ser incorporado contínua e ativamente. Do ponto de vista da Neurociência, isso estimula as redes de aprendizado ativo e motivação intrínseca, ativando o córtex pré-frontal e o núcleo estriado ventral (Knutson; Cooper, 2005).

A ritualística maçônica é uma arte do coletivo. Embora cada iniciado percorra um caminho interior individual, a vivência ritualística é, essencialmente, uma experiência compartilhada. Todos se movem, falam e se envolvem em uníssono. Essa harmonia de gestos e intenções também tem suas funções: ela produz efeitos mensuráveis no cérebro e no corpo. A neurociência contemporânea mostra que a sincronização interpessoal é uma das formas mais poderosas de criar vínculo, confiança e sensação de pertencimento (Cacioppo; Patrick, 2008). O ritual, desse modo, transforma indivíduos isolados em um organismo simbólico, a Loja, onde cada um é uma célula viva de um corpo maior. O primeiro elemento dessa coesão é o ritmo. Executar sinais de forma coordenada, repetindo gestos ou palavras, todas essas ações ativam o sistema dos neurônios-espelho, um conjunto de células cerebrais descobertas na década de 1990 por Giacomo Rizzolatti e colegas (Rizzolatti; Craighero, 2004). Esses neurônios, localizados no córtex pré-motor e no lobo parietal inferior, são ativados tanto quando executamos uma ação quanto quando vemos outra pessoa executá-la. Na execução ritualística em particular, essa imitação implícita cria uma ponte invisível entre os Irmãos. O cérebro de um Obreiro

espelha o do outro, gerando consonância neural, um estado de sintonia que facilita a empatia, a cooperação e compreensão não verbal (Keysers; Gazzola, 2007). Em termos neurofisiológicos, os neurônios-espelho funcionam como um alicerce biológico para o conceito do senso de fraternidade. Pesquisas mostram que ações sincronizadas aumentam a atividade do córtex orbitofrontal medial, região associada à percepção de afiliação social e prazer coletivo (Atzil; Hendler; Feldman, 2014). Ao incorporar movimentos e posturas comuns, a execução ritualística transforma a Loja em uma rede neural sincronizada, um coro de mentes e corpos vibrando na mesma frequência. É a ciência confirmando o que a Tradição já imaginava: que a harmonia exterior produz harmonia interior. Mas essa sincronia não atua apenas no cérebro, mas também na química corporal. Atividades coletivas ritmadas elevam os níveis de endorfinas, neurotransmissores ligados ao prazer, ao alívio da dor e à sensação de união social (Dunbar, 1998). Um estudo conduzido por Bronwyn Tarr e Robin Dunbar (Universidade de Oxford) demonstrou que dançar em sincronia com outras pessoas aumenta significativamente o limiar de dor, um marcador indireto do aumento de endorfinas (Tarr; Launay; Dunbar, 2016). No Templo, marchas e gestos coordenados funcionam da mesma forma: reduzem o estresse fisiológico e promovem bem-estar social endógeno. A sensação de pertencer a algo maior não é apenas simbólica; é neuroquímica. O cérebro libera opióides naturais que diminuem a sensação de isolamento e fortalecem o laço afetivo com o grupo. Esses mecanismos explicam por que o trabalho ritualístico não é substituível por leitura individual. Há algo que só o corpo em comunhão experimenta. O ritual, nesse sentido, é um antídoto neurobiológico contra a solidão dos dias atuais, pois ativa circuitos que a evolução moldou para o convívio tribal, mas agora ressignificados sob a luz da Arte Real.

A música desempenha papel duplo: emocional e autonômico. Cantar ou ouvir música em grupo estimula a liberação de oxitocina, hormônio associado à confiança, à empatia e à formação de vínculos (Freeman, 1998). A oxitocina é liberada pelo hipotálamo e age sobre o sistema nervoso autônomo, reduzindo a atividade simpática (ligada ao estresse) e aumentando a parassimpática (ligada à calma). Isso gera uma sensação de coerência fisiológica, respiração mais lenta, batimentos cardíacos sincronizados e relaxamento corporal

(Carter, 2014; Ruiz-Blais; Orini; Chew, 2020). Essa harmonia biológica explica a sensação de paz que muitos Irmãos relatam após uma sessão maçônica. O corpo inteiro vibra com a música, e o cérebro interpreta essa harmonia fisiológica como harmonia social.

O toque, ao ser percebido como repleto de respeito e simbolismo, é outro componente poderoso da ritualística. O toque de mão, o abraço fraterno ou o contato durante uma instrução são gestos que acionam receptores táteis capazes de liberar ocitocina e dopamina, fortalecendo vínculos e aumentando a confiança (Morhenn; Park; Piper; Zak, 2008). Neurocientistas sociais como Paul Zak e Michael Kosfeld demonstraram que a oxitocina aumenta a disposição para cooperar e confiar, mesmo em contextos de incerteza (Kosfeld, 2005). Essa substância age como um mediador biológico da fraternidade: quanto maior a confiança mútua, maior a liberação; e quanto mais oxitocina circula, mais facilmente a confiança se renova, criando uma coreografia neurofisiológica em prol da fraternidade. O corpo, o cérebro e o espírito convergem para produzir o sentimento de unidade fraterna, que é o coração da Maçonaria.

Na pedagogia ritualística da Maçonaria, o erro não é punição, é método, e o mistério não é barreira, é convite. Sob a ótica da neurociência, tanto o erro de predição quanto a ambiguidade cognitiva são condições ideais para o aprendizado significativo. O cérebro humano, longe de ser uma máquina que apenas registra informações, é um sistema que antecipa, testa e ajusta modelos de percepção do mundo a cada nova experiência (Friston, 2010). Quando algo não corresponde à expectativa (quando a execução ritualística não sai como deveria, quando a instrução parece enigmática ou quando um símbolo resiste à compreensão imediata) o cérebro ativa circuitos de erro de predição. Essa “incongruência” estimula regiões do córtex cingulado anterior e do córtex pré-frontal dorsolateral, responsáveis por detectar discrepâncias e promover aprendizado adaptativo (Miller; Cohen, 2001). No plano neuroquímico, o erro (quando adequadamente recebido e interpretado) não é um castigo, mas um estímulo dopaminérgico. O sistema de recompensa do cérebro, mediado por neurônios dopaminérgicos no núcleo estriado ventral e na área tegmental ventral, responde não apenas ao acerto, mas também à surpresa informativa. Sempre que há uma diferença entre o esperado e o obtido, a dopamina é liberada,

reforçando o aprendizado e motivando a busca de novas soluções (Schultz; Dayan; Montague, 1997). A ritualística, ao propor tarefas complexas e símbolos de múltiplas camadas de sentido, mantém o iniciado nesse estado de curiosidade tônica, uma tensão prazerosa entre o saber e o não saber. O cérebro, envolvido nesse processo, ajusta suas conexões sinápticas e reforça circuitos de atenção, memória e criatividade. Essa dinâmica confirma a máxima aristotélica de que “aprendemos fazendo” e errando: a virtude nasce da repetição que integra corpo e pensamento.

Ao mesmo tempo, o enigma simbólico funciona como um catalisador da imaginação. A linguagem ritual, intencionalmente ambígua, ativa o córtex temporal anterior, o precuneus e o córtex parietal inferior, regiões associadas à integração semântica e à geração de hipóteses (Rapp, 2004). Quando o iniciado tenta compreender o significado oculto de um símbolo, ele engaja redes neurais semelhantes às envolvidas na resolução de problemas criativos ou matemáticos complexos. A neuroestética tem demonstrado que a experiência de decifrar algo ambíguo produz uma explosão de prazer e insight mediado pela liberação de dopamina no núcleo estriado ventral e no córtex orbitofrontal medial, responsáveis pela sensação de recompensa intelectual (Kounios; Beeman, 2014). O símbolo velado mantém a mente em movimento, e o movimento é o próprio aprendizado. Na vida maçônica, o iniciado é conduzido a viver esses micro-impactos cognitivos continuamente. Cada grau acrescenta novas camadas de complexidade e novas oportunidades de erro criativo e o ritual o obriga a reorganizar seus modelos internos, reavaliando crenças, ajustando valores, reelaborando significados. Neurocientificamente, esse processo corresponde à plasticidade dependente de experiência, com o cérebro se reconfigurando ao longo da jornada iniciática.

A Filosofia em diálogo com a Neurociência

A Maçonaria sempre foi um espaço de convergência entre filosofia e ciência. Desde os primórdios do pensamento especulativo, o maçom foi convidado a unir razão e intuição, técnica e sabedoria, corpo e espírito. A neurociência contemporânea, ao explorar a mente humana com instrumentos cada vez mais precisos, não rompe com essa tradição, mas a continua por outros meios. O diálogo entre a filosofia moral e a biologia da mente revela que aquilo que chamamos de virtudes

é sustentado por mecanismos cognitivos e a Ordem é, nesse sentido, um ponto onde ética, estética e neurofisiologia se tocam.

Aristóteles ensinou que “somos aquilo que repetidamente fazemos; a excelência, portanto, não é um ato, mas um hábito”. A neurociência moderna confirma essa visão milenar. O aprendizado de condutas virtuosas e de atitudes morais repete, em nível neural, o mesmo processo de consolidação sináptica visto em qualquer treinamento cognitivo ou motor (Graybiel, 2008). Toda vez que o indivíduo pratica uma ação coerente com seus valores, reforça conexões entre o córtex pré-frontal ventromedial e os gânglios da base, que regulam a tomada de decisão moral e o comportamento habitual. Com o tempo, esse circuito se torna mais eficiente, e o agir ético passa a ser um evento espontâneo, o que Aristóteles chamaria de segunda natureza.

Émile Durkheim, no início do século XX, descreveu os ritos religiosos como fontes de “efervescência coletiva”: momentos em que o indivíduo se sente parte de algo maior e, tomado pela emoção comum, renova o sentido de pertencimento social (Durkheim, 2003). Hoje, a neurociência identifica bases biológicas para essa sensação. Durante experiências ritualísticas intensas (das mais variadas), ocorre um aumento da atividade dopaminérgica e oxitocínica, estimulando a coesão e a confiança entre os participantes, com as redes cerebrais do córtex pré-frontal medial e do núcleo estriado ventral tornando-se mais sincronizadas entre os membros do grupo (Launay; Tarr; Dunbar, 2016). Em outras palavras, o que Durkheim observava sociologicamente, a neurociência hoje mede em termos fisiológicos: a comunhão ritualística gera sincronia neural e emocional, ampliando a sensação de unidade. A Loja, vista por esse prisma, é um espaço de consonância cognitiva coletiva, onde a mente de cada Irmão se alinha à vibração simbólica do grupo.

William James, em *As Variedades da Experiência Religiosa*, descreveu a religiosidade não como sistema doutrinário, mas como vivência transformadora (James, 2017). Para James, a espiritualidade autêntica não se impõe por autoridade externa, mas se comprova pela experiência interior, o “sentir-se tocado por algo maior”. A neurociência contemporânea confirma essa dimensão experiencial: estados de intensa contemplação, êxtase estético ou revelação simbólica ativam o córtex pré-frontal medial, o giro temporal superior e o precuneus, regiões associadas

à autoconsciência ampliada e ao sentimento de significado profundo (King, 2019). Esses estados não são alucinações nem simples efeitos subjetivos, são padrões reconhecíveis de atividade neural que integram emoção, memória e percepção. Assim, o sentir descrito por James ganha hoje uma tradução neurobiológica: é a mente atingindo coerência máxima, o cérebro funcionando em harmonia com o sentido da experiência. O ritual maçônico, quando bem executado e vivido, é precisamente isso, uma experiência viva de integração interior, onde o símbolo, a emoção e a razão convergem para formar um estado de consciência lúcida e devocional.

Victor Turner, antropólogo do século XX, descreveu os antigos ritos tribais de passagem como experiências de transição entre uma identidade antiga e uma nova (liminaridade), marcadas pela ascensão hierárquica e pela formação de uma percepção de igualdade dentro do grupo (Turner, 2013). A neurociência oferece uma leitura complementar desse fenômeno. Durante ritos de passagem, ou experiências de intensa transformação simbólica, há liberação coordenada de dopamina, endorfina e serotonina, combinada à redução temporária da atividade do córtex parietal direito, que delimita o “eu” individual (Azari; Slors, 2007). O resultado é a sensação de dissolução da individualidade e fusão com o grupo. A iniciação maçônica, em particular, encena essa travessia. O neófito é retirado do mundo profano (separação), submetido ao silêncio e às provas (liminaridade) e finalmente reintegrado à fraternidade (agregação). Cada fase aciona, de modo simbólico e neuropsicológico, processos de desconstrução e reconstrução identitária. Turner via nisso uma pedagogia da humildade e da fraternidade; a neurociência vê um processo de reconfiguração neural: o cérebro aprende novos padrões de empatia e pertencimento, como uma metamorfose psíquica.

Fato é que a Filosofia e Neurociência convergem em um ponto essencial: o ser humano busca sentido. A ritualística, ao unir disciplina racional e emoção simbólica, oferece ao cérebro um contexto estruturado onde o significado se torna palpável. Viktor Frankl dizia que o homem pode suportar qualquer “como”, se tiver um “porquê” e a neurociência confirma que o sentido de propósito ativa o córtex pré-frontal ventromedial e o núcleo estriado ventral, fortalecendo a resiliência emocional e o bem-estar (Frankl, 2019). A ritualística maçônica, portanto, não é fuga da razão, mas seu

complemento. Ela organiza a emoção, orienta o pensamento e ancora a experiência humana em algo que transcende o imediato. A filosofia busca entender o “porquê” e a neurociência, o “como” e ambas, reunidas no Templo da mente, demonstram que o sagrado e o científico não são antagônicos, mas idiomas diferentes descrevendo o mesmo fenômeno: a busca do homem por conhecer-se e aperfeiçoar-se.

Conclusão

A análise da ritualística maçônica sob a ótica da neurociência revela que ela é mais do que uma sequência de gestos e palavras: é um dispositivo cognitivo, emocional e moral projetado para lapidar a mente humana. Os símbolos, a música, o silêncio, a luz e o movimento não são elementos decorativos, mas estímulos cuidadosamente organizados que ativam circuitos cerebrais relacionados à atenção, à memória, à empatia e à tomada de decisão moral. O Templo (ou a sala de Loja) não é um espaço comum, mas um ambiente de aprendizagem neuro-ética, onde o cérebro e o espírito trabalham juntos para construir o homem de bem. Sob o olhar das ciências do cérebro, a Maçonaria demonstra ter intuído, há séculos, o que a neurociência só recentemente comprovou: o ser humano aprende mais profundamente quando vivencia o conhecimento, e não quando apenas o escuta. Cada sessão reproduz o ciclo fundamental do aprendizado: foco, emoção, ação, reflexão e consolidação. A atenção é despertada pelo silêncio e pela solenidade; a emoção é evocada pelo símbolo e pela música; a memória é reforçada pela repetição e a compreensão surge no momento do *insight*, quando o cérebro celebra a descoberta do sentido oculto. Esse percurso, da expectativa à revelação, é o mesmo processo biológico que move o pensamento criativo, a aprendizagem duradoura e a transformação moral.

A neurociência também confirma que a virtude é uma forma de plasticidade neural. A prática constante do bem, a reflexão sobre o dever e o exercício da empatia modificam as conexões sinápticas do córtex pré-frontal e do sistema límbico, tornando o agir ético mais espontâneo e natural. Assim, o juramento maçônico não é uma mera formalidade ritualística: ele estrutura o cérebro para reconhecer a coerência entre pensamento, sentimento e ação. Essa união entre filosofia e neurociência mostra que a busca pela Luz é, em essência, uma jornada de autoconhecimento

neurocognitivo. Ao percorrer o rito, o Maçom experimenta a transmutação da mente: do caos à ordem, da ignorância à consciência, da dispersão à unidade. É o cérebro aprendendo o que a alma sempre soube — que o verdadeiro conhecimento não está apenas em entender o mundo, mas em transformar-se com ele. Em última instância, o diálogo entre a ritualística e a neurociência não diminui o mistério da Maçonaria; pelo contrário, o engrandece, revela que o tradicional e o científico são dois modos complementares de compreender a mesma realidade: a extraordinária capacidade humana de dar sentido à experiência e de transformar o instinto em sabedoria.

E, assim, realiza-se o propósito maior da Iniciação: o despertar da consciência integral — razão, emoção e espírito — como expressão máxima do nosso processo de evolução.

Referências Bibliográficas

- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Tradução de Antônio Pinto de Carvalho. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- ASTON-JONES, G; COHEN, J D. An integrative theory of locus coeruleus–norepinephrine function: adaptive gain and optimal performance. *Annual Review of Neuroscience*, v. 28, p. 403–450, 2005.
- ATZIL, Shir; HENDLER, Talma; FELDMAN, Ruth. The brain basis of social synchrony. *Social cognitive and affective neuroscience*, v. 9, n. 8, p. 1193-1202, 2014.
- AZARI, Nina P.; SLORS, Marc. From brain imaging religious experience to explaining religion: A critique. *Archive for the Psychology of Religion*, v. 29, n. 1, p. 67-86, 2007.
- CACIOPPO, John T.; PATRICK, William. *Loneliness: Human Nature and the Need for Social Connection*. New York: W. W. Norton & Company, 2008.
- CAHILL, L; MCGAUGH, J L. Mechanisms of emotional arousal and lasting declarative memory. *Trends in Neurosciences*, v. 21, n. 7, p. 294–299, 1998.
- CARTER, C. Oxytocin pathways and the evolution of human behavior. *Annual Review of Psychology*, v. 65, p. 17–39, 2014.
- CORBETTA, M; SHULMAN, G L. Control of goal-directed and stimulus-driven attention in the brain. *Nature Reviews Neuroscience*, v. 3, p. 201–215, 2002.

- DAMASIO, António R. *O Erro de Descartes: Emoção, Razão e o Cérebro Humano*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- DUNBAR, R. The social brain hypothesis. *Evolutionary Anthropology*, v. 6, n. 5, p. 178–190, 1998.
- DURKHEIM, Émile. *As Formas Elementares da Vida Religiosa*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- FRANKL, Viktor E. *Em Busca de Sentido*. São Paulo: Vozes, 2019.
- FREEMAN, W. *A neurobiological role of music in social bonding*. MIT Press. UC Berkeley, 1998.
Obtido em:
<https://escholarship.org/uc/item/9025x8rt>
- FRISTON, K. The free-energy principle: a unified brain theory? *Nature Reviews Neuroscience*, v. 11, p. 127–138, 2010.
- FRISTON, Karl. The free-energy principle: a unified brain theory? *Nature Reviews Neuroscience*, v. 11, n. 2, p. 127–138, 2010.
- GRAYBIEL, AM.; KUBOTA, Y. Understanding corticobasal ganglia networks as part of a habit formation system. In: *Mental and behavioral dysfunction in movement disorders*. Totowa, NJ: Humana Press, 2003. p. 51-57.
- GRAYBIEL, Ann M. Habits, rituals, and the evaluative brain. *Annu Rev Neurosci*, v. 31, n. 1, p. 359–387, 2008.
- HAMS, L; SEITZ, AR. Benefits of multisensory learning. *Trends in Cognitive Sciences*, v. 12, n. 11, p. 411–417, 2008.
- JAMES, William. *As Variedades da Experiência Religiosa*. Tradução de Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- JEANNEROD, M. Mental imagery in the motor context. *Neuropsychologia*, v. 33, n. 11, p. 1419–1432, 1995.
- KANDEL, ER.; SCHWARTZ, JH.; JESSELL, TM. *Principles of Neural Science*. 5. ed. New York: McGraw-Hill, 2013.
- KANDEL, Eric R. *In Search of Memory: The Emergence of a New Science of Mind*. New York: W. W. Norton, 2009.
- KARPICKE, J D.; ROEDIGER III, H L. Repeated retrieval during learning is the key to long-term retention. *Journal of Memory and Language*, v. 57, n. 2, p. 151–162, 2007.
- KEYSERS, C; GAZZOLA, V. Integrating simulation and theory of mind: from self to social cognition. *Trends in Cognitive Sciences*, v. 11, n. 5, p. 194–196, 2007.
- KING, Marcie L. The neural correlates of well-being: A systematic review of the human neuroimaging and neuropsychological literature. *Cognitive, Affective, & Behavioral Neuroscience*, v. 19, n. 4, p. 779–796, 2019.
- KNUTSON, B; COOPER, J C. Functional magnetic resonance imaging of reward prediction. *Current Opinion in Neurology*, v. 18, n. 4, p. 411–417, 2005.
- KOSFELD, Michael et al. Oxytocin increases trust in humans. *Nature*, v. 435, n. 7042, p. 673–676, 2005.
- KOUNIOS, John; BEEMAN, Mark. The cognitive neuroscience of insight. *Annual Review of Psychology*, v. 65, p. 71–93, 2014.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors We Live By*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.
- LAUNAY, Jacques; TARR, Bronwyn; DUNBAR, Robin IM. Synchrony as an adaptive mechanism for large-scale human social bonding. *Ethology*, v. 122, n. 10, p. 779–789, 2016.
- LEDoux, J. The emotional brain, fear, and the amygdala. *Cellular and molecular neurobiology*, v. 23, n. 4, p. 727–738, 2003.
- MAREN, Stephen; QUIRK, Gregory J. Neuronal signalling of fear memory. *Nature reviews neuroscience*, v. 5, n. 11, p. 844–852, 2004.
- MCGAUGH, J L. Memory—a century of consolidation. *Science*, v. 287, n. 5451, p. 248–251, 2000.
- MCINTOSH, A. R. (2013). From location to integration: How neural interactions form the basis for human cognition. In *Memory, Consciousness and the Brain* (pp. 346–362). *Psychology Press*.
- MILLER, Earl K.; COHEN, Jonathan D. An integrative theory of prefrontal cortex function. *Annual Review of Neuroscience*, v. 24, n. 1, p. 167–202, 2001.
- MORHENN, Valerie; PARK, James W.; PIPER, Ethan; ZAK, Paul J. Monetary sacrifice among strangers is mediated by endogenous oxytocin release after physical contact. *Evolution and Human Behavior*, v. 29, n. 6, p. 375–383, 2008.

RAPP, A. et al. Neural correlates of metaphor processing. *Cognitive brain research*, v. 20, n. 3, p. 395-402, 2004.

REDGRAVE, P; GURNEY, K. The short-latency dopamine signal: a role in discovering novel actions? *Nature Reviews Neuroscience*, v. 7, n. 12, p. 967–975, 2006.

RIZZOLATTI, G; CRAIGHERO, L. The mirror-neuron system. *Annu Rev Neurosci*, v. 27, n. 1, p. 169–192, 2004.

RUIZ-BLAIS, S; ORINI, M; CHEW, E. Heart rate variability synchronizes when non-experts vocalize together. *Frontiers in Physiology*, v. 11, p. 762, 2020.

SARA, Susan J. Selective attention, memory, and the locus coeruleus. In: *Brain Plasticity, Learning, and Memory*. Boston, MA: Springer US, 1985. p. 211-217.

SCHULTZ, W. Multiple dopamine functions at different time courses. *Annual Review of Neuroscience*, v. 30, p. 259–288, 2007.

SCHULTZ, Wolfram; DAYAN, Peter; MONTAGUE, Read. A neural substrate of prediction and reward. *Science*, v. 275, n. 5306, p. 1593–1599, 1997.

SEZER, Idil; SACCHET, Matthew D. Advanced and long-term meditation and the autonomic nervous system: A review and synthesis. *Neuroscience & Biobehavioral Reviews*, p. 106141, 2025.

SQUIRE, L R.; ZOLA-MORGAN, S. The medial temporal lobe memory system. *Science*, v. 253, p. 1380–1386, 1991. DOI: 10.1126/science.1896849

STICKGOLD, R. Sleep-dependent memory consolidation. *Nature*, v. 437, n. 7063, p. 1272–1278, 2005.

TANG, Yi-Yuan; HÖLZEL, Britta K.; POSNER, Michael I. The neuroscience of mindfulness meditation. *Nature reviews neuroscience*, v. 16, n. 4, p. 213-225, 2015.

TARR, B; LAUNAY, J; DUNBAR, R. Silent disco: dancing in synchrony leads to elevated pain thresholds and social closeness. *Evolution and Human Behavior*, v. 37, n. 5, p. 343-349, 2016.

TURNER, Victor. *O Processo Ritual: Estrutura e Antiestrutura*. Petrópolis: Vozes, 2013.

INTELIGÊNCIAS EM EVOLUÇÃO: FORJANDO LÍDERES PARA A SOCIEDADE 5.0

Uma jornada integrada de potenciais humanos variados, upskilling e reskilling para o aperfeiçoamento humano e a liderança ética no século XXI

Rubens Ricardo Franz ¹

Resumo:

A Maçonaria, enquanto instituição filosófica dedicada ao aperfeiçoamento contínuo de seus membros, enfrenta o desafio de otimizar seus processos formativos em um mundo marcado por aceleradas transformações tecnológicas e sociais. Sendo o principal, formar lideranças na Sociedade 5.0, desenvolvendo competências híbridas e inteligência interpessoal para liderar de forma inclusiva e adaptável em um cenário multigeracional, emocionalmente complexo e em constante transformação tecnológica. Este artigo propõe a abertura do debate para uma renovação no processo de formação maçônica para a liderança, diante das rápidas mudanças tecnológicas e sociais, geracionais inclusive. Considerando que a Maçonaria, comprometida com o desenvolvimento moral, espiritual e intelectual de seus membros, tem a oportunidade de personalizar o aprendizado e torná-lo mais eficaz. A proposta integra esse modelo às estratégias de upskilling (aprimoramento de competências tradicionais) e reskilling (aquisição de habilidades emergentes), alinhando-se à visão humano-cêntrica da Sociedade 5.0. Essa abordagem sugere um modelo híbrido de formação, que une os métodos tradicionais às ferramentas digitais. Fundamentada em literatura e em discussões institucionais recentes, como a Declaração de Bogotá (2021), este artigo propõe estratégias com a identificação de benefícios potenciais que incluem: melhoria na qualidade da formação maçônica; aumento na retenção de membros; acessibilidade ao conhecimento e mensuração de impactos formativos

Palavras-chave: Formação maçônica; *upskilling* e *reskilling*; Sociedade 5.0; aperfeiçoamento humano.

Abstract:

Freemasonry, as a philosophical institution dedicated to the continuous improvement of its members, faces the challenge of optimizing its formative processes in a world marked by accelerated technological and social transformations. Its main mission is to shape leaders for Society 5.0, developing hybrid competencies and interpersonal intelligence to lead inclusively and adaptably in a multigenerational, emotionally complex, and technologically evolving context. This article proposes opening a debate for a renewal in the Masonic leadership training process, in light of rapid technological, social, and generational changes. Considering that Freemasonry, committed to the moral, spiritual, and intellectual development of its members, has the opportunity to personalize learning and make it more effective. The proposal integrates this model with upskilling (improving traditional skills) and reskilling (acquiring emerging skills) strategies, aligning with the human-centric vision of Society 5.0. This approach suggests a hybrid training model that combines traditional methods with digital tools. Grounded in literature and recent institutional discussions such as the Bogotá Declaration (2021), this article proposes strategies and identifies potential benefits, including improvement in the quality of Masonic training, increased member retention and measurable formative impacts.

Keywords: Masonic Formation; Upskilling and Reskilling; Society 5.0; Human Development.

¹ Rubens Ricardo Franz é administrador, consultor e empresário, Grão-Mestre Ad Vitam do Grande Oriente de Santa Catarina e Secretário-Executivo da CMI. E-mail: rubens.ricardo.franz@gmail.com

1. Introdução

A Maçonaria, enquanto instituição filosófica voltada ao aperfeiçoamento do Ser humano, busca formar líderes éticos e conscientes, comprometidos com a construção de uma sociedade mais justa. No entanto, diante das rápidas transformações tecnológicas, sociais e geracionais do século XXI, surge o desafio de atualizar seus métodos formativos sem perder sua essência.

Nesse contexto, a proposta da Sociedade 5.0 — que valoriza a integração entre tecnologia e bem-estar humano — oferece um novo horizonte para a formação maçônica. Com a possibilidade de personalizar o aprendizado e aprofundar o desenvolvimento humano de maneira mais completa.

Este artigo propõe para análise e debate, uma abordagem integrada que combina os potenciais humanos variados, com estratégias de upskilling - aprimorando competências tradicionais - e reskilling - desenvolvendo novas habilidades. Essas estratégias se articulam com ferramentas da Sociedade 5.0, ampliando as possibilidades de instrução e vivência iniciática, acessível e preparada para os desafios contemporâneos — sem renunciar a sua missão essencial: o aperfeiçoamento humano.

2. Habilidades Essenciais para a Liderança em 2030

Estamos e conviveremos com diversos perfis geracionais, atualmente com: Geração Silenciosa, Baby Boomers, Geração X, Y, Z (Dimock, 2019) e Geração Alpha (Botros, 2025), caracterizados por distintos valores, sejam tradicionais ou como o foco em estabilidade e hierarquia, transição digital e multigeracionais - exigindo lideranças inclusivas, adaptáveis e com alta inteligência interpessoal.

As mudanças previstas para 2030 (Gideon, 2025) estão transformando profundamente o perfil da liderança que impactam no resultado das ações em Lojas Maçônicas. Com a automação e a inteligência artificial assumindo tarefas técnicas, cresce a valorização de competências humanas — cognitivas e socioemocionais — que favorecem a adaptabilidade, o pensamento crítico e o aprendizado contínuo. Nesse novo cenário, espera-se que líderes maçons combinem visão sistêmica com consciência coletiva e social, atuando não apenas pela eficiência, mas pelo impacto positivo no Iniciado e na sociedade.

Entre as habilidades-chave, destaca-se o pensamento analítico, essencial para interpretar contextos complexos, questionar premissas e tomar

decisões baseadas em evidências. Fortalecendo a capacidade de análise sistêmica e a capacidade de liderar transformações sustentáveis.

A curiosidade e o aprendizado contínuo também ganham protagonismo. Em um mundo onde o conhecimento se torna obsoleto rapidamente, líderes que cultivam a abertura ao novo e incentivam a aprendizagem ativa promovem ambientes inovadores e resilientes.

As habilidades socioemocionais, como resiliência, flexibilidade e empatia, tornam-se indispensáveis. Elas permitem enfrentar crises com equilíbrio, transformar desafios em crescimento coletivo e construir culturas de confiança e pertencimento.

Por fim, a alfabetização tecnológica e humana surge como competência transversal. Vai além do domínio técnico, demandando compreensão crítica da tecnologia e sua aplicação ética. Líderes com essa habilidade são capazes de integrar inteligência artificial e emocional, guiando suas equipes rumo a soluções inovadoras que respeitam valores humanos e promovem o bem-estar coletivo.

Essas competências, quando integradas à formação de líderes, preparam indivíduos mais conscientes, adaptáveis e preparados para liderar com propósito em um mundo em constante transformação.

3. Essência da Formação Maçônica

A formação maçônica é uma jornada simbólica e transformadora que se inicia no grau de Aprendiz, onde o iniciado é conduzido ao autoconhecimento e à lapidação interior. Por meio de um processo com símbolos e alegorias, aprende-se a “saber aprender”, cultivando humildade, disciplina e ética — fundamentos essenciais para uma liderança íntegra e socialmente responsável (GOSC, 2018).

Nos graus de Companheiro e Mestre, o processo se aprofunda. O Companheiro desenvolve habilidades analíticas e colaborativas ao explorar artes, ciências e ofícios, promovendo equilíbrio, pensamento crítico e harmonia social. Já o grau de Mestre representa a síntese espiritual, com o processo evocando resiliência, sabedoria e compromisso com a luz do conhecimento. Ensinando liderança ética e filantrópica, preparando o iniciado para o autoaperfeiçoamento e também atuar como agente transformador na sociedade (GOSC, 2018).

Além do plano simbólico, a formação inclui práticas administrativas e associativas (GOSC, 2018). O maçom aprende desenvolvendo competências

organizacionais e sociais que fortalecem sua atuação comunitária. No contexto contemporâneo, essa formação dialoga com os desafios da era digital, da sustentabilidade e da inclusão de acordo com nossos princípios e valores.

A Maçonaria, ao promover estudo contínuo, mentoria e ação coletiva, forma líderes que não apenas ocupam cargos, mas inspiram, educam e mobilizam. São indivíduos capazes de aplicar princípios éticos no cotidiano — no trabalho, na comunidade, no Estado — integrando tradição, reflexão pessoal e ação social.

Essa estrutura iniciática e filosófica, fundamentada em liberdade, igualdade e fraternidade, contribui para o fortalecimento das instituições democráticas, na defesa dos direitos humanos com liberdade de expressão e de pensamento e para a formação de lideranças resilientes, éticas e visionárias, comprometidas com o bem comum e com o desenvolvimento humano sustentável.

4. Aperfeiçoamento humano

Neste contexto, a formação maçônica, voltada ao aperfeiçoamento humano, nos Graus Simbólicos tem uma base inovadora com um potencial para desenvolver lideranças mais completas e conscientes.

Compreender o potencial humano é especialmente valiosa na formação de líderes, mobilizando diferentes inteligências para atuar com empatia, equilíbrio, visão ética e capacidade de comunicação. Um líder maçônico, nesse contexto, não se limita ao conhecimento ritualístico ou administrativo, mas desenvolve competências integradas que favorecem a construção de relações de confiança e o exercício de uma liderança humanista.

Para isso, é essencial e fundamental preservar os devidos intervalos e espaços temporais necessários à correta e adequada formação do Aprendiz, do Companheiro e do Mestre Maçom, permitindo que cada grau seja plenamente vivido, assimilado e integrado.

É indispensável que o Irmão conheça profundamente e compreenda, para aplicação em sua vida cotidiana, o significado e os ensinamentos da Iniciação, da Elevação e da Exaltação, incluindo a Lenda de Hiram (ou suas variantes, conforme o Rito praticado) e todos os demais elementos simbólicos e filosóficos que compõem cada grau.

Não se trata apenas de valorizar o vasto conhecimento maçônico acumulado, mas, acima de tudo, de respeitar a natureza progressiva e sagrada do ato iniciático e de seu desenvolvimento gradual. Só assim se honra e se dá verdadeiro valor aos mais de trezentos anos de história, tradição e sabedoria da nossa Augusta Ordem.

5. Integração com Upskilling e Reskilling no Aperfeiçoamento de líderes

Upskilling (aprimoramento de competências) e Reskilling (requalificação) surgiram como resposta prática à automação e foram teorizados como estratégias essenciais de aprendizado contínuo (SEBRAE e TOTUS, 2023) — upskilling para especializar, reskilling para reinventar — tornando-se, na Sociedade 5.0, o caminho para lideranças humanas, éticas e tecnologicamente competentes.

No contexto dinâmico contemporâneo, marcado por transformações tecnológicas e econômicas, o upskilling surge como uma estratégia essencial para o desenvolvimento de talentos. Esse conceito refere-se ao aprimoramento e expansão de habilidades já existentes em um líder, visando melhorar seu desempenho. Impulsionado por avanços como inteligência artificial e automação, o upskilling permite que indivíduos aprofundem conhecimentos adquiridos, tornando-se mais eficientes e adaptáveis sem mudar radicalmente.

Embora upskilling e reskilling sejam termos por vezes usados, suas diferenças são fundamentais: o primeiro enfatiza aprofundamento e refinamento para crescimento vertical, enquanto o segundo foca em reinvenção para movimentos laterais ou transições completas. Em ambientes corporativos, o upskilling pode ser realizado via treinamentos curtos ou cursos online, ao passo que o reskilling demanda programas intensivos ou certificações. Ambas as estratégias combatem lacunas de competências na era digital.

Sendo que a importância do upskilling e reskilling no aperfeiçoamento de líderes reside na preparação para um futuro incerto, onde a liderança maçônica eficaz depende de visão estratégica, empatia e domínio multifacetado de competências. Líderes engajados elevam seu desempenho, inspiram equipes a adotar mentalidades de crescimento e garantem organizações ágeis e inovadoras. Pesquisas mostram que o upskilling melhora o engajamento e performance geral, enquanto o reskilling adapta líderes sêniores a mudanças disruptivas, promovendo sustentabilidade

e impacto positivo, tornando esses conceitos essenciais para formar líderes resilientes e transformadores no século XXI.

6. A Sociedade 5.0 e o Paradigma Centrado no Ser Humano

A Sociedade 5.0, originada no Japão, representa uma nova etapa evolutiva ao colocar o ser humano no centro das transformações tecnológicas (Plano Básico de Ciência e Tecnologia do Japão (2016)). Buscando harmonizar avanços como inteligência artificial, internet das coisas e big data com valores humanos, promovendo inclusão, sustentabilidade e qualidade de vida.

Esse paradigma humano cêntrico propõe que a tecnologia seja usada para resolver problemas sociais, por meio de soluções colaborativas entre governos, empresas e comunidades. A ideia é transformar o progresso técnico em inovação social, com governança ética e foco no bem-estar coletivo.

Nesse contexto, a formação de líderes maçons precisam ir além da competência técnica ritualística e organizacional. É necessário desenvolver uma liderança sensível, ética e colaborativa, capaz de integrar tecnologia com propósito maçom.

A Maçonaria, têm papel estratégico nesse processo. Ao promover o autoconhecimento, a reflexão ética e a ação coletiva, elas contribuem para a formação de líderes preparados para guiar sociedades em direção a um futuro mais justo, resiliente e equilibrado.

Em síntese, a Sociedade 5.0 inspira uma liderança que une razão e sensibilidade, técnica e ética, tradição e inovação — formando indivíduos capazes de transformar desafios globais em oportunidades de progresso humano.

7. Conclusões:

Necessitamos de atualização nos processos de formação maçônica para o aperfeiçoamento dos Iniciados no Século XXI, em seus diferentes perfis geracionais, preparando-os para atuar na Sociedade 5.0. Com uma estrutura pedagógica que valorize a diversidade cognitiva de cada indivíduo, permitindo uma formação personalizada que une o autoconhecimento tradicional maçônico aos desafios contemporâneos, como adaptabilidade e pensamento crítico.

Considerando estratégias que incluem a adaptação do processo de formação com discussões coletivas, combinando mentoria humana com ferramentas digitais como IA para um feedback. Os

benefícios esperados vão além do crescimento pessoal: com maçons que se tornam mais empáticos e resilientes, capazes de equilibrar razão e emoção, fomentando equipes inclusivas e inovadoras que mitigam desigualdades e promovem o bem-estar coletivo em um mundo cada vez mais tecnológico.

No Grau de Aprendiz, o upskilling (aprimoramento de competências) atua como uma ferramenta de refinamento ético, aprimorando inteligências intrapessoal e corporal-cinestésica por meio de símbolos e alegorias, que incentivam a disciplina interna e o controle das paixões. Essa estratégia humanizada cultiva humildade e autoconhecimento, alinhando-se às demandas da Sociedade 5.0 por resiliência emocional. Benefícios incluem uma base sólida para liderança autêntica, com líderes iniciantes ganhando confiança para navegar em ambientes disruptivos, promovendo empatia e responsabilidade social desde o início da jornada.

O Grau de Companheiro enfatiza o reskilling (requalificação) cognitivo, introduzindo novas habilidades e pensamento analítico, integradas a inteligências lógico-matemática e interpessoal para explorar artes liberais e harmonia social. Estratégias envolvem discussões coletivas e projetos colaborativos que questionam dogmas e fomentam soluções sustentáveis, tornando o aprendizado mais dinâmico e acessível. Os resultados humanizados se manifestam em líderes intermediários mais ágeis, capazes de mediar conflitos e aplicar visão sistêmica, com ganhos como maior inovação e retenção de talentos.

No Grau de Mestre, a síntese plena combina upskilling para refinar competências éticas com reskilling para cenários multiculturais, como integrar IA à sabedoria humana. Estratégias incluem a resiliência e mentoria avançada, humanizando o processo ao enfatizar propósito de transmissão de conhecimento. Benefícios englobam líderes maduros que guiam com empatia e visão estratégica, impulsionando produtividade e coesão social, com impactos como equipes mais criativas e redução de falhas na seleção de líderes, alinhando a tríade maçônica à inovação ética.

Em síntese, essa convergência cria um framework holístico - modelo integrado que considera o ser humano, a organização e o sistema como um todo interconectado - que integra razão, emoção e técnica, com ecossistemas de aprendizado coletivo que promovem sustentabilidade e inclusão. Estratégias como currículos híbridos, humanizam a

formação maçônica, preparando líderes para um futuro complexo. Os benefícios esperados incluem maior equidade, inovação e fortalecimento de instituições, contribuindo nas sociedades para um amanhã mais justo e centrado no Ser humano.

8. Referências bibliográficas

Ata da Assembleia da CMI de abril de 2009, Bogotá, Colômbia.

Definindo gerações: onde termina a geração Millennial e começa a geração Z, Michael Dimock, 2019, Pew Research Center -

<https://www.pewresearch.org/short-reads/2019/01/17/where-millennials-end-and-generation-z-begins/>

Apresentamos a Geração Beta, as crianças nascidas a partir de 2025, Alena Botros, 2025, Fortune -

<https://fortune.com/2025/01/02/gen-beta-2025-millennials-gen-z-baby-boomers-trends/>

Programa de Ensino e Formação Maçônica, Grande Oriente de Santa Catarina – GOSC, Secretaria de Ensino e Formação Maçônica, 2018.

Frames of Mind, The Theory of Multiple Intelligences, Howard Gardner, Perseus Books Group, 1983.

The upskilling imperative: Required at scale for the future of work, 2025 -

<https://www.mckinsey.com/industries/public-sector/our-insights/the-upskilling-imperative-required-at-scale-for-the-future-of-work>

Upskilling for Shared Prosperity, Insight Report, WEF, 2021.

Upskilling e reskilling: o que são e como aplicar na sua empresa, SEBRAE, 2023.

Upskilling: diferença entre reskilling e como aplicar, Totus, 2023.

Sociedade 5.0, Cabinet Office, Gabinete do Governo, Governo do Japão, Plano Básico de Ciência e Tecnologia do Japão (2016).

Inteligências Múltiplas ao Redor do Mundo, Howard Gardner e Jie-Qi (Autores), Roberto Cataldo Costa (tradutor). Editora Penso, 2010.

Análisis crítico sobre las inteligencias múltiples de Gardner. Aplicaciones contemporáneas. Ciencia y Reflexión, Revista Científica Multidisciplinaria.

<https://cienciayreflexion.org/index.php/Revista/article/view/95/122>

Davis, K., Christodoulou, J., Seider, S., & Gardner, H. (2011). The theory of multiple intelligences. In R.J. Sternberg & S.B. Kaufman (Eds.), Cambridge

Handbook of Intelligence (pp. 485-503). Cambridge, UK; New York: Cambridge University Press.

Leadership development in U.S. Higher education: Strategies for lifelong learning and upskilling; Journal of Innovation & Knowledge; Volume 10, Issue 4, July–August 2025, 100754; Gladys Daher-Armache, Jalal Armache, Hussein Nabil Ismail.

<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2444569X2500099X?via%3Dihub>

Upskilling and Reskilling in a Rapidly Changing Job Market: Strategies for Organizations to Maintain Workforce Agility and Adaptability. Mahedi Hasan, Md. Anamul Haque, Sabrina Sharmin Nishat, Md. Monzur Hossain. EJBMR European Journal of Business & Management Research. 2024.

<https://www.ejbmr.org/index.php/ejbmr/article/view/2502>

Educación para todos: La Teoría de las Inteligencias Múltiples de Gardner, Gisela Emst-Slavit, Washington State University, Revista de Psicología de la PUCP. Vol. XIX, 2, 2001.

How Teachers use Gardner's Multiple Intelligences Theory, Andy Minshew.

<https://www.waterford.org/blog/multiple-intelligences-theory/>

Most in-demand core skills globally in 2025-2030, Sarah Gideon, Human Resources, 2025 -

<https://www.humanresourcesonline.net/most-in-demand-core-skills-globally-in-2025-2030>.



FRATERNITAS